

**FACULDADE JESUÍTA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
REDE BRASILEIRA DE CENTROS E INSTITUTOS DE
JUVENTUDE
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM ADOLESCÊNCIA E
JUVENTUDE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**

***O GRUPO NA EDIFICAÇÃO DA FELICIDADE E DA
IDENTIDADE DO JOVEM***

JANETE BORTOLINI

Goiânia
2007

**FACULDADE JESUÍTA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
REDE BRASILEIRA DE CENTROS E INSTITUTOS DE
JUVENTUDE
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM ADOLESCÊNCIA E
JUVENTUDE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**

***O GRUPO NA EDIFICAÇÃO DA FELICIDADE E DA
IDENTIDADE DO JOVEM***

JANETE BORTOLINI

ORIENTADOR: PROF. DR. HILÁRIO DICK

**Monografia apresentada ao Curso de
Pós-Graduação *Lato Sensu* em
Adolescência e Juventude no mundo
contemporâneo como requisito para
grau de especialista.**

Goiânia
2007

DEDICO:

A meu pai, João, *in memoriam*, minha luz e inspiração, vontade de vencer, exemplo e dedicação.

A todos que acreditaram e apostaram no meu esforço e potencial, pois a vocês devo a certeza do amanhã. E ofereço o fruto do meu trabalho.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho foi o resultado de um esforço coletivo, onde se inclui o apoio dos familiares, amigos, *Irmãs da Congregação do Imaculado Coração de Maria* e colegas do curso. Por isso não poderia deixar de prestar agradecimentos especiais:

Às Irmãs da Congregação, especialmente da Comunidade Madre Imilda, pela compreensão, carinho e paciência que tiveram durante a realização deste trabalho;

Aos meus amigos, de modo muito especial e carinhoso, aqueles que me fizeram acreditar que é possível encontrar o caminho e chegar ao destino desejado. Agradeço de coração pelo incentivo e colaboração prestados através de atitudes de companheirismo e sugestões para o enriquecimento das questões relativas ao tema escolhido;

Aos e às jovens que participaram no processo da realização da pesquisa e elaboração deste estudo;

Ao meu orientador, professor Dr. Hilário Dick, pela atenção, paciência e incentivo para que este trabalho pudesse ser concluído com êxito;

Ainda, a todos/as, que de uma forma ou de outra, contribuíram para esta conquista;

E principalmente a Deus, por ter iluminado o meu caminho ao longo desta jornada.

BORTOLINI, Janete. *O grupo na edificação da felicidade e da identidade do jovem*. Goiânia: Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia e Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude, 2007.

RESUMO

Trata-se de um trabalho reflexivo e hermenêutico que procura compreender mais de perto o lugar do grupo na edificação da felicidade e da identidade do/a jovem. Procura verificar a importância do grupo no desenrolar dos processos identitários dos/as jovens que fazem parte de grupos de caráter comunitário cristão, apresentando alguns recursos que podem contribuir para vivência daqueles/as que acompanham os/as jovens, refletindo sobre alguns aspectos teóricos e pedagógicos que tornem possíveis experiências exitosas.

A vivência grupal é uma necessidade fundamental na juventude e nota-se uma crescente procura dos/as jovens por experiências nas quais possam se sentir “*inteiros*”, “*completos*”, e o desejo de que tais experiências sejam marcadas pelo modo comunitário-integrativo de viver. Em decorrência disso, o tema da felicidade é destacado inicialmente como algo que é desejado, uma vez que, a felicidade tem sido quase que exclusivamente explorada apenas pela literatura de auto-ajuda. Recorda-se que, hoje, os fenômenos da globalização expõem a pessoa contemporânea a um ambiente que clama por felicidade, com uma urgência jamais vista em nenhum outro momento da história.

Os processos identitários, pelos quais passam os/as jovens, estão intrinsecamente articulados à sociedade, bem como às complexas e dinâmicas relações sociais com sua cultura. Mas, precisamente, o processo se dá no seio dos grupos de referência, sendo a família o primeiro e principal grupo. Após a família, há uma série de outros grupos que contribuem de forma significativa para que ocorra tal processo: grupo de amigos, parentes, vizinhos, escola, etc.

Palavras-Chave: Juventude; grupo de jovens; felicidade e identidade de jovens, relações e processos identitários dos jovens.

BORTOLINI, Janete. *The group in the construction of the happiness and the identity of the young*. Goiânia: Jesuit College of Philosophy and Theology and Brazilian Net of Centers and Justinian codes of Youth, 2007.

ABSTRACT

This is a reflective and hermeneutic paper which attempts to understand the place of the group in the construction of the happiness and identity of a young person. It tries to verify the importance of the group during the development of identity processes of young people who attend *Christian* communitarian groups. The paper presents some resources that can contribute to the experience of the ones who are along with the youngsters that can contribute for experience of the ones who are along with the youngsters, as well as, reflects about theoretical and pedagogical aspects that make successful experiences possible.

Group living is a basic necessity during youth and it is noticeable that young people are seeking for experiences in which they can feel complete, and they also wish that those experiences are marked by the communitarian-integrative way of living. Consequently, the subject of the happiness is initially emphasized as something which is desired because happiness has been almost exclusively explored by self-help literature. Nowadays, the globalization phenomena expose the contemporary person to an environment that clamors for happiness, in an urgency never seen in any other moment in of history.

The identity process, which the youngsters to society, as well as the complex and dynamic social relationship complex and culture. But, necessarily, the process happens inside the reference groups and the family is the first and main group. After the family, there are many other groups that significantly help the process to occur: group of friends, relatives, neighbors, school, etc...

Key-words: youth; group of young; happiness and identity of young, relationships and identity processes of the young people.

SUMÁRIO

SUMÁRIO	7
1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	8
2 DIALOGANDO COM CONCEITOS	10
2.1 Juventude: um conceito complexo	10
2.2 Grupo: um espaço de crescimento	16
2.3 Identidade: como defini-la?	20
2.4 Felicidade: é possível conceituá-la?	24
3 A IMPORTÂNCIA DO GRUPO NOS PROCESSOS IDENTITÁRIOS	30
3.1 Teoria do desenvolvimento psicossocial de <i>Erik H. Erikson</i>	37
3.2 Estágios de desenvolvimento	37
3.3 Crise da adolescência	40
3.4 Apoio relacional e estruturante em meio ao caos.....	42
3.5 Traços de acompanhantes de jovens dispostos/as a ajudar na travessia	44
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
BIBLIOGRAFIA	59

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho quer dar uma olhada, mais de perto, no lugar do grupo na edificação da felicidade e da identidade do/a jovem. O objetivo principal é a verificação da importância do grupo no desenrolar dos processos identitários dos/as jovens que procuram fazer parte de grupos de caráter comunitário cristão, apresentando alguns recursos que podem contribuir para a vivência daqueles/as que acompanham os/as jovens e refletir sobre alguns aspectos teóricos que facilitem experiências exitosas.

O que pode justificar a escolha deste tema? A vivência grupal é uma necessidade fundamental na juventude. A crescente procura dos/as jovens por experiências nas quais possam se sentir “*inteiros*”, “*completos*”, e o desejo de que tais experiências sejam marcadas pelo modo comunitário-integrativo de viver. O tema da felicidade tem sido quase que exclusivamente explorado pela literatura da auto-ajuda. Hoje, fenômenos como o da globalização, expõem a pessoa contemporânea a um ambiente que clama por felicidade, com uma urgência jamais vista em nenhum outro momento da história. “A juventude é um dos grupos mais vulneráveis da sociedade brasileira. Ela é, especialmente, atingida pelas fragilidades do sistema educacional, pelas mudanças no mundo do trabalho, e ainda, é o segmento mais destituído de apoio de redes de proteção social”¹.

O texto está dividido em dois capítulos e tem como fonte principal uma pesquisa bibliográfica, sínteses e gráficos com respostas de pesquisa feita junto a alguns e algumas jovens que participam de grupos e relatos que incluem experiência

¹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. 44ª Assembléia Geral. Evangelização da juventude. Desafios e perspectivas pastorais. São Paulo: Paulus, 2006, p.16

pessoal, fruto de muitas observações empíricas e esforços por traduzi-las de um modo mais fiel possível.

O primeiro capítulo, partindo de uma leitura que dialoga com os quatro “eixos gigantes”: *juventude, grupo, identidade e felicidade*, procura verificar qual a importância destes elementos nas dinâmicas de evolução que exercem na vida dos/as jovens. Fornece os conceitos básicos que são utilizados ao longo deste texto.

O segundo capítulo investiga o grupo mais diretamente em suas trocas e permutas em relação aos processos identitários. Subdividido em cinco partes, inicia com as contribuições que *Erik H. Erikson* apresenta em sua “*teoria do desenvolvimento psicossocial*”, descrevendo os oito estágios *eriksonianos* do desenvolvimento. Destacando a crise da adolescência, ressalta a importância de um apoio relacional e estruturante em meio ao caos no qual os/as jovens podem se encontrar para, ao final, sugerir alguns traços que o/a acompanhante de jovens deveria desenvolver ou ampliar ao máximo para o enfrentamento do desafio que é cada jovem em sua individualidade.

As considerações finais, na tentativa de concluir o texto, retomam as reflexões abordadas ao longo dos dois capítulos, analisam algumas práticas que poderão orientar de modo mais integral todos/as aqueles/as que acompanham jovens e discute aspectos pedagógicos significativos das trocas de experiências que ocorrem entre jovens e acompanhantes, e sínteses elaboradas a partir de tais vivências.

Acreditamos que o processo de participação e produção da reflexão a partir da pesquisa junto aos e às jovens e do diálogo com os diversos autores não está encerrado. Cada um/a poderá dar sua contribuição, refletindo sua prática a partir de seu contexto.

2 DIALOGANDO COM CONCEITOS

“O grupo de jovens é o lugar de felicidade, resistência e de paz!”

Partindo dessa afirmação nos desafiamos a escrever e a elencar os motivos que nos levam a afirmar e acreditar que o grupo de jovens é o lugar da felicidade.

Muitos são os que defendem a proposta de que os jovens devem participar de um grupo. E muitos são os jovens que, ao participar, encontram no grupo um espaço de referência, um espaço de felicidade e, a partir da experiência, motivam outros jovens a também participar deste espaço.

Iniciamos a reflexão conceituando os termos que alicerçam essa fundamentação: juventude, grupo, felicidade e identidade. As exposições das idéias são acompanhadas por reflexões teóricas nas quais se estabelece um diálogo com diversos autores.

2.1 Juventude: um conceito complexo

Falar da e sobre a juventude, hoje, e da maneira como esses jovens contribuem para as mudanças significativas que desejamos alcançar na nossa sociedade, torna-se indispensável. É, contudo, uma tarefa, com certeza, nada fácil, pois as perspectivas, as posturas, os discursos e as práticas no campo da juventude produzidos ou reproduzidos pelas diversas instituições ao longo dos séculos, de maneira diferente, continuam sem uma posição definitiva ou conclusiva.

Quando falamos em juventude logo nos vem à mente um período, ou uma etapa da vida. Porém, conceituar juventude, às vezes, é confuso e ambíguo, pois observamos que há três termos que se aproximam nos seus significados, mas que

têm dimensões diferenciadas nas suas interpretações: adolescência, juventude e puberdade.

A adolescência tem uma conotação mais psicológica e é vista como o período situado entre a infância e a idade adulta. Podemos dizer que começa com o início da maturidade sexual e termina na situação social do adulto independente. Um dos psicólogos a descrever e estudar a adolescência foi Stanley Hall (que publicou em 1904 o trabalho *“Adolescence: its Psychology and its Relations to Phisiology, Anthropology, Sociollogy: Sex, Crime, Religion and Education”*). Para o autor, o período da adolescência é representado como de emotividade e estresse aumentados, no qual ocorrem expressões acentuadas ora de irritação, ora de excitação, alternadas com episódios de depressão. Essa obra retrata um quadro negativo da adolescência e da juventude, o qual se manteve praticamente intacto desde Aristóteles, Rousseau, até chegar a Hall e a muitos psicólogos da atualidade.

Embora de formação psicanalista, o modelo adotado por Erik Erikson (1972) parece ser diferente. Aliando a psicanálise ao campo da antropologia cultural, Erikson estabelece um triângulo pai-mãe-filho, através de um modelo que reúne em um vértice a família, no segundo a dimensão tempo-sociedade-cultura e no terceiro o próprio indivíduo. No entrelaçamento desse triângulo, Erikson (1972) propõe uma teoria de oito estágios, onde o indivíduo tem determinadas tarefas evolutivas, situadas entre a necessidade individual e a exigência social, associadas a cada período da vida – infância, adolescência, idade adulta e velhice – definindo oito etapas do desenvolvimento humano: 1) confiança versus desconfiança básica; 2) autonomia versus vergonha e dúvida; 3) iniciativa versus culpa; 4) competência ou produtividade versus sentimento de inferioridade; 5) consolidação da identidade versus confusão de papéis; 6) relacionamentos de intimidade versus isolamento; 7)

geratividade versus estagnação e 8) integridade ou aceitação do ciclo vital versus desesperança.

A adolescência corresponde à quinta etapa, definida em torno do conflito entre identidade e confusão de papéis.

É na adolescência que o indivíduo adquire competências completas para sintetizar e integrar a experiência. Isso significa que o sujeito está em condições para articular os fatos de sua história de vida no sentido de construção de uma linha de autoconsciência, continuidade e convergência. O diálogo entre os diversos acontecimentos do ciclo da vida, que configuram diversos momentos de um eu que busca um sentido de continuidade, irá costurar tal como uma colcha de retalhos a série de transformações que ocorrem na vida do indivíduo. Este processo propicia a autopercepção do sujeito em uma trajetória única, com um início (passado), uma perspectiva (presente) e uma prospecção (futuro). Erikson (1972) insiste nesta necessidade do/a adolescente em fazer uma integração de seu passado e futuro. Em suma, ao enfatizar a singularidade, criticando a hipótese de uma adolescência universal e enfatizando as dimensões de contexto, Erikson (1972) se coloca como uma alternativa à teoria de “tempestade e tormentas”, que predominava entre as demais correntes.

A questão da puberdade está implícita na adolescência na medida em que caracteriza a fase em termos de identificar a pessoa já sexualmente madura. Há uma constituição hormonal que começa a se desenvolver e seus resultados são visíveis ao mundo exterior: acne, mudança de voz, crescimento de pêlos, corpo desarrumado... A gama de mudanças ocorridas podem ser identificadas nas questões sexuais, na busca de uma profissão, na auto-afirmação, na capacidade de relacionamento e indagações, na contrariedade com a ordem instituída, nos sonhos e devaneios, na agressão/transgressão de gestos, palavras, roupas, na necessidade

de ser diferente, na característica de se achar vítima de tudo e de todos. Tal metamorfose inclui idéias megalomaniacas: crença de mudar o mundo e perda de algumas referências, como a do seu lugar no mundo.

Para Helena Abramo (2005, p. 37) conceituar juventude não é nada simples.

Pelo contrário, é uma tarefa difícil e desafiadora. Segundo ela:

Juventude é um desses termos que parecem óbvios, dessas palavras que se explicam por elas mesmas e assunto a respeito do qual todo mundo tem algo a dizer, normalmente reclamações indignadas ou esperanças entusiasmadas. [...] Porém quando se busca precisar um pouco mais o próprio termo, as dificuldades aparecem.

Hilário Dick (2003, p.14), caminha nesta mesma direção e afirma que quem deseja estudar ou discutir juventude precisa: *ter claro se existe “juventude” ou “juventudes”, definir se juventude ou “juventudes” são uma categoria social e se adolescência é o mesmo que juventude*. Para ele, no entanto, a questão mais desafiadora nasce por parte dos que se posicionam olhando a juventude como sendo nada mais que uma palavra. Uma definição de juventude assumida por este autor (2003, p.26) é:

A juventude como *categoria social*. Esta “categoria” faz da juventude mais do que uma faixa etária e não faz da juventude um grupo coeso ou uma classe de fato. A juventude torna-se: (1) uma *representação sociocultural* (a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos); e (2) uma *situação social* (a juventude é uma situação vivida em comum por certos indivíduos).

Sandoval (apud Carmem Lúcia 2006, p. 53-54) aponta sete perspectivas para a conceituação de juventude: 1) a psicológica, como etapa de maturação do desenvolvimento humano; 2) a histórica, aprofundando o aspecto da geração, estudando a juventude a partir de um contexto histórico, indagando sobre o que passa pelo mundo; 3) a social, no tocante às classes sociais e às estratificações sociais, acompanhadas pela desigualdade da distribuição da renda, tendo presente em cada classe o modo de falar e de vestir, explicitando as características da classe à qual pertence; 4) a antropológica, em que se aproxima do conceito de cultura,

identificando-se o conceito com subculturas juvenis e aprofundando os aspectos dos valores e o modo como o mercado ocupa lugar na subjetividade; 5) a territorial, identificando o *habitus* e considerando que viver em um determinado setor não é o mesmo que viver em outro (tamanho das casas, ou morar na rua), com ou sem espaços para viverem suas atividades, as relações com o consumo de drogas; 6) a de gênero, isto é, o ser homem ou ser mulher, com suas heterogeneidades, em uma sociedade machista, manifestando-se inclusive nas diferenças salariais e 7) a étnica, desde a memória até os aspectos pluriétnicos em que vivem os/as jovens.

Estas sete perspectivas trazidas por Sandoval confirmam as palavras da autora Helena Abramo quando diz que conceituar juventude torna-se difícil e desafiador.

Da mesma forma Dayrell (2003, p. 41) nos diz *que* construir uma definição da categoria juventude não é simples, principalmente porque os critérios que a constituem são históricos e culturais. *Para ele*, juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação.

A juventude como categoria social, teve mudanças significativas ao longo da história e o que a caracteriza é a forma como os grupos a que ela pertence a determinam. A juventude da década de 60, dos anos da ditadura, é extremamente diferente da juventude de 2007 em termos de vontade política, desejos, intenções. Poderíamos ainda dizer que a característica de participação política da juventude dos anos 60 é diferente dos cara-pintadas da década de 90. A juventude negra, hoje, com todas as suas lutas e desafios é diferente da juventude do período da escravatura. Todo o contingente de dados, símbolos, representações interferem na determinação desta juventude ao longo de um determinado período histórico.

Neste sentido concorda-se com as autoras Lídia Alpizar e Marina Bernal (2004, p. 31), quando dizem que:

A juventude está permanentemente construindo-se e reconstruindo-se historicamente. Cada sociedade define a “juventude” a partir de seus próprios parâmetros culturais, sociais, políticos e econômicos, motivo pelo qual não há uma definição única. Portanto, as perspectivas tradicionais sobre a juventude podem ser transformadas, desconstruídas e reconstruídas.

Para alguns autores, como Hobsbawn (1995) a *juventude é eterna* e todos hoje buscam ser jovens, ou seja, a ação está vinculada a algumas características, tais como: o cuidado com o corpo, com a beleza, com as roupas, com os exercícios físicos, os interesses, etc, identificadas a partir do olhar jovem. A juventude tem seu universo próprio que é copiado de certa forma por todas as idades: se ontem a criança imitava a mãe, hoje a mãe imita a filha.

Se pensarmos no senso comum a definição de juventude é a fase da transição, da passagem entre a infância e a idade adulta. Normalmente classificada por uma determinada faixa etária, por exemplo, 15 a 24 anos, período reconhecido pela UNESCO². Dayrell (2003, p.42) discorda desta afirmação, pois entende a juventude como:

parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem: ela assume uma importância em si mesma.

Neste mesmo sentido Otávio Ianni (1968), no texto intitulado *o Jovem Radical*, diz que a juventude não é apenas uma fase transitória, culturalmente produzida na vida social das pessoas, consideradas individualmente, em face do contexto familiar; a juventude, para o autor, no seu inconformismo juvenil apresenta *um produto possível do modo pelo qual a pessoa globaliza a situação social*.

Carmem Lúcia (2006), em sua pesquisa de dissertação de Mestrado, afirma concordar com a perspectiva de Groppo (2000), que propõe entender a juventude como categoria social. Pois, segundo ela:

[...] tem importância crucial a compreensão das diversas características da sociedade moderna, o seu fundamento e suas transformações. É um recurso iluminador para a metamorfose da própria modernidade em

² Conforme: DICK, 2003, p.15

seus diversos aspectos como o mercado de consumo, o lazer, a religião e as relações cotidianas.

O contexto pós-moderno e globalizado faz emergir a necessidade de se pensar um novo sujeito histórico capaz de lidar com essas diversas facetas e exigências sem perder sua identidade e seus referenciais. O sujeito histórico que tem maior propensão de sofrer os ataques e de provocar uma reação a essa conjuntura é certamente a juventude, como categoria social organizada, consciente de sua identidade e de sua função, de seu lugar social e histórico capaz de interferir e fazer mudar o *status quo* estabelecido (Pace, 1999, p.34).

Os/as jovens de todas as épocas possuem uma característica marcante: tendem para a grupalidade, se referem como pertencentes a um grupo tal ou qual, onde constroem seus espaços de convivências e trocas relacionais de todos os tipos. É por isso que daremos uma olhada mais de perto na categoria simbólica e real denominada: grupo.

2.2 Grupo: um espaço de crescimento

Os/as jovens se destacam nas suas muitas formas de conviver. A forma como os/as jovens se manifestam é quase sinônimo de saber estar em contato com o outro na intensidade do momento presente. Se, de um lado, os conjuntos dos nossos sentidos nos dão equilíbrio como seres individuais permitindo que a natureza se torne o lugar de onde podemos sentir a brisa da tarde, os sons dos animais, as cores do pôr-do-sol, os perfumes da primavera e o sabor de tantos pratos gostosos; de outro lado, a convivência, o estar em contato com os outros, o descobrir-se como **um ser em relação**³ destaca a força do saber conviver em todos os grupos humanos. O convívio é uma necessidade profunda de todo ser humano. Por

³ Libânio, João B. *A arte de formar-se*. 2002

natureza, o ser humano somente existe, ou subsiste, em função de seus inter-relacionamentos grupais. Sempre, desde o nascimento, o indivíduo precisa e participa de diferentes grupos, é uma constante dialética entre a busca de sua identidade individual e a necessidade de uma identidade grupal e social.

A vivência em grupo, segundo as diferentes ciências e visões de mundo, vitaliza, caracteriza e torna o indivíduo mais humano, fraterno e amoroso, conceituações resultantes da visão de mundo que se adota. As iniciativas de humanização se tornam mais reais quando assumidas em grupo. Segundo Costa (apud, Azevedo, s.d), “a tendência à grupalidade é parte constitutiva do modo de ser do adolescente. É no calor da atmosfera grupal que eles vão incorporar, ou não, as propostas e mensagens que lhes chegam do mundo adulto”. Podemos dizer que isso vale não só para os/as adolescentes, talvez de modo mais gritante, mas todo ser humano sente esta necessidade e identifica-se com um grupo afim.

Mas, afinal, o que entendemos por grupo? Segundo Andaló (2006, p.17):

Na atualidade, vem-se atribuindo cada vez mais ênfase aos processos grupais, o que torna o conhecimento sobre eles um instrumento valioso e mesmo imprescindível, seja em termos de eficácia, para atingir objetivos ou realizar tarefas (rendimento), seja para detectar lideranças, obter coesão, resolver conflitos, tensões etc.

Existem grupos de todos os tipos, podendo ser macros (grande grupo) ou micros (pequenos grupos). Os pequenos grupos, ou micro-grupos podem ainda ser separados em grupos propriamente ditos ou agrupamentos. Uma definição ampla, que inclua todas as possíveis utilizações da palavra grupo, talvez possa ser: um conjunto de pessoas com alguma característica em comum. Como exemplo dessa definição podemos citar: “grupo etário”, “grupo socioeconômico”, “grupo étnico”, “grupo de torcedores do time x”, e outros. Porém, esses “grupos” são compostos por pessoas que possivelmente não se conhecem, nunca estiveram juntas, nem estão envolvidas em alguma atividade conjunta e por isso, talvez, o mais correto seja denominar este tipo de grupo como agrupamento.

Por agrupamento entende-se um conjunto de pessoas que convive partilhando de um mesmo espaço e se inter-relaciona de alguma forma, em geral por pouco tempo e com finalidade bem pontuada, ou seja, são indivíduos que são agrupados, colocados juntos, sem necessariamente constituírem um grupo propriamente dito. Contudo, todos os agrupamentos têm possibilidade de se tornarem grupo. Segundo Zimmerman (apud, Zanella, 2001) *a passagem de um agrupamento a um grupo propriamente dito resultaria da transformação de interesses comuns em interesses em comum*. Ou seja, os integrantes de um grupo reúnem-se em torno de uma tarefa e de um objetivo comum ao interesse de todos. Para Andaló (2006, p. 68):

...um grupo é constituído por um conjunto relativamente de pessoas, que mantêm contatos face a face, ligadas por algum(ns) objetivo(s) comum(ns) que leva(m) a interagir e estabelecer relações de reciprocidade. Os grupos também se caracterizam por um movimento contínuo, um equilíbrio instável e temporário, cujo conhecimento é extremamente difícil, por ser impossível apreender toda a riqueza existente no entrecruzamento dos aspectos subjetivos e do conjunto dos participantes em permanente processo de reciprocidade.

Um grupo propriamente dito tem algumas características como: os indivíduos pertencentes ao grupo têm uma tarefa comum; ele tem regras, códigos, normas e linguagem própria. Numa perspectiva mais sociológica, Trujillo Ferrari (1983, p.311), examinando diversas definições para “grupo social”, propõe a seguinte definição:

[...] um grupo social é formado por um conjunto de pessoas que se identificam pelo nós e para o qual estão suficientemente estruturados, dentro de um contexto temporal, integrados e em interação, observando as funções específicas ou gerais, graças aos padrões neuropsíquicos e sócio-culturais que observam na sua ação para a obtenção de metas de interesse coletivo.

Tendo em vista esta definição sociológica, poderíamos, por exemplo, falar de um sindicato, ou de uma associação, isto é, grupos que têm consciência de sua qualidade comum, que promovem ações conjuntas de seus membros e têm importância e influência no conjunto da sociedade, no entanto, são ainda demasiados amplos e fragmentados no espaço e nas suas relações. O tipo de grupo que prioritariamente nos interessa é aquele em que os indivíduos estejam em

contato, reconheçam-se mutuamente, interajam entre si, estejam conscientes de ter algo significativo em comum, tenham metas coletivas, constituam uma entidade comum. É preciso que essas condições estejam minimamente presentes e não apenas algumas delas, pois um conjunto de pessoas num elevador, por exemplo, está em contato, tem uma meta em comum que é subir um edifício, e podem até se conhecer, mas ainda não se constituem um grupo propriamente dito, pois lhes falta a interação, a interdependência e a conscientização de que estão juntas em um empreendimento comum. Nas palavras de Pichon-Rivière (apud Freire, 1995, p. 59):

Pode-se falar em grupo quando um conjunto de pessoas movidas por necessidades semelhantes se reúne em torno de uma tarefa específica. No cumprimento e desenvolvimento das tarefas, deixam de ser um amontoado de indivíduos para cada um assumir-se enquanto participante de um grupo, com objetivo mútuo.

O sujeito individual frente à experiência com o grupo tem a possibilidade de perceber a si mesmo enquanto presença motivada para a ação e a própria transformação que repercute como resposta da sua interação com o meio.

O grupo de jovens, pelas experiências realizadas e por aquilo que encontramos nos grupos visitados, é um espaço de crescimento da juventude na fé e na participação social. Um bom grupo proporciona um ambiente acolhedor, onde eles podem fazer uma caminhada organizada até alcançar seus objetivos. Os pequenos grupos são o eixo central da Pastoral da Juventude (PJ)⁴, esses grupos criam laços, confrontam a vida com o evangelho e formam lideranças jovens para o engajamento na Igreja e na sociedade. Para o CELAM⁵, (1997, p. 194):

Trata-se de grupos pequenos, de doze a quinze jovens, de ambos os sexos, de idade homogênea, com um nível de participação regular e com um ritmo periódico de encontros, reuniões, que se constituem em lugar de crescimento, amadurecimento, formação e realização pessoal e comunitária.

⁴ A **Pastoral da Juventude** é a ação organizada da Igreja para acompanhar os jovens a descobrir, seguir e comprometer-se com Jesus Cristo e sua mensagem, a fim de que, transformados em homens novos, e integrando sua fé e sua vida, se convertam em protagonistas da construção da civilização do amor. (CELAM, 1997, p. 178-179).

⁵ CELAM: Conselho Episcopal Latino-Americano

A Pastoral da Juventude opta pelos pequenos grupos porque acredita que o grupo é lugar de aprendizado, de confronto, de descobrimento de si dos outros, bem como ser um espaço onde (CELAM, 1997, 195),

Nascem e se desenvolvem amizades, as pessoas aprendem a dialogar francamente, a resolver seus conflitos, a perdoar-se mutuamente, a cuidar-se fraternalmente e a olhar a vida com otimismo. É uma autêntica descoberta do amor fraterno vivido em seus múltiplos aspectos.

A vivência em grupo possibilita o crescimento pessoal e grupal e o/a jovem aos poucos sente orgulho e satisfação de pertencer ao grupo. Tem a possibilidade de pensar conjuntamente sua vida, a vida da comunidade e da sociedade. A participação no grupo traz a necessidade da organização. E essa organização, segundo Dick (2006, p.55), “leva o jovem a assumir responsabilidades, planejamentos, pedagogias, relacionamentos; isto é, a ele abraçar a sua identidade de protagonista”.

2.3 Identidade: como defini-la?

Construir uma identidade, para Erikson (1972), implica em definir quem é a pessoa, quais são os seus valores e quais as direções que deseja seguir pela vida. O autor entende que identidade é uma concepção de si mesmo, composta de valores, crenças e metas com as quais o indivíduo está solidamente comprometido. Para esse autor, o que chamamos de personalidade resulta da interação contínua de três grandes sistemas: o *biológico*, o *social* e o *individual*. Esses três sistemas são inseparáveis e mutuamente interdependentes. Nenhum deles pode existir sem os outros. Ele define identidade como: a) um sentido consciente da singularidade individual; b) um esforço inconsciente para manter a continuidade da experiência; c) uma solidariedade para com os ideais de um grupo (Erikson, apud Gallantin, 1978, p.187).

Na adolescência, o indivíduo percebe que desempenha múltiplos papéis, associados a diferentes cenários da sua vida (família, escola, amigos, etc.). Esta constatação é problemática, pois sugere que não está sendo verdadeiro em muitas situações. E neste momento se instala a busca pela identidade, isto é, um esforço constante para satisfazer a emergente necessidade de integração e coerência entre seus comportamentos e atitudes. Nas palavras de Erikson (1972, p.21)

A formação de identidade requer um processo de reflexão e observação simultâneas, um processo que ocorre em todos os níveis de funcionamento mental e pelo qual o indivíduo se julga à luz daquilo que percebe ser a forma como os outros o julgam, em comparação com eles próprios e com uma tipologia que é significativa para eles. Ao mesmo tempo, ele julga a maneira como os outros o julgam, de acordo com o modo como ele se vê, em comparação com os demais e com os tipos que se tornam importantes para ele.

Portanto, a construção da identidade é pessoal e social, acontecendo de forma interativa, através de trocas entre indivíduo e o meio em que está inserido. Erikson (1972) enfatiza, ainda, que a identidade não deve ser vista como algo estático, imutável, como se fosse uma armadura para a personalidade, mas como algo em constante desenvolvimento.

Na teoria social a questão da identidade já vem sendo, segundo Stuart Hall (1999, p. 7), extremamente discutida: "... as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno até aqui visto como um sujeito unificado".

Esse mesmo autor propõe a distinção de três concepções de identidade que surgiram ao longo da história na busca de definir o que é identidade: o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

A concepção de identidade no Iluminismo se baseava numa concepção individualista, na idéia de um ser humano centrado. Segundo Hall (1999, p.10-11)

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção de pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo

essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele – ao longo da existência do indivíduo.

Já a concepção de sujeito sociológico reflete uma concepção interativa, ou seja, a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade. Para Hall (1999, p.11),

a noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura- dos mundos que ele/ela habitava.

A última concepção proposta por Hall (1999, p. 12-13), *o sujeito pós-moderno*, aponta a fragmentação do indivíduo:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. [...] Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Na busca de construir uma noção de identidade que desse conta da dinamicidade do real, Dayrell (1999) baseou-se nos estudos de Alberto Mellucci, autor que, segundo ele, discute as mutações psicológicas do indivíduo numa sociedade global. Para Mellucci (1996, apud Dayrell 1999, p.33)

A noção de identidade remete a três características centrais: a permanência no tempo, isto é, a continuidade de um sujeito, para além das variações no tempo e de sua adaptação no ambiente; a delimitação da unidade que estabelece os limites do sujeito, permitindo distingui-lo de outro e, finalmente, a relação entre as duas características anteriores, ou seja, a capacidade de reconhecer-se e ser reconhecido.

Segundo Dayrell (1999, p. 33), para Mellucci a *ênfase na construção da identidade é atribuída à dimensão relacional*, indivíduo e sistema se constituem reciprocamente e um sujeito não se torna consciente de si a não ser na relação – delimitação com um ambiente externo.

Neste sentido é que o grupo pode ser, para alguns, este espaço de construção da identidade. Dayrell (1999, p. 33) acredita que ninguém pode construir sua identidade independentemente da identificação que os outros possuem a seu

respeito, num processo intersubjetivo. Para ele a *identidade é, antes de tudo, um processo de aprendizagem*. Aprendizagem esta que necessita que o indivíduo tenha capacidade de integrar o *passado*, o *presente* e o *futuro*, bem como articular a unicidade e a continuidade de uma biografia individual.

Castells (1999 p. 22-23) é outro autor que caminha nessa direção. Quando expressa o que entende por identidade fala de *processo de construção de significados com base em um atributo cultural que não se resume aos papéis do ponto de vista sociológico, como pai, mãe, filho*. Para ele a identidade é *fonte de significados para um processo de individualização*.

Segundo Dayrell (1999, p. 33), a partir do estudo da teoria de Mellucci a identidade tem uma conotação *estática* e *dinâmica*. Estática no que se refere à manutenção de limites, no reconhecimento e na reciprocidade. Dinâmica diz respeito ao processo de autonomia. Citando Mellucci, ele diz:

Dessa forma conclui o autor, a identidade é vivenciada como uma ação e não tanto como uma situação, onde o indivíduo que constrói a sua consistência e seu reconhecimento, no interior dos limites postos pelo ambiente e pelas relações sociais. Propõe assim uma mudança de conceito: a mesma palavra 'identidade' não é mais apropriada para exprimir o caráter processual, auto-reflexivo e construído da definição de nós mesmos.

Partindo desse pressuposto Dayrell (1999, p. 34) define a identidade como relação social, que nos dá a possibilidade do *autoreconhecimento* e do *heter-reconhecimento*. Daí a importância de pertencer a um grupo, pois segundo ele,

não nos sentimos ligados aos outros apenas pelo fato de existirem interesses comuns, mas, sobretudo porque esta é a condição para reconhecer o sentido do que fazemos, podendo nos afirmar como sujeitos das nossas ações.

Esse processo possibilita a multiplicidade das experiências e as interações sociais. Para Dayrell (1999, p. 34),

isso permite pensar os grupos juvenis como espaços dinâmicos de construção de identidades, que têm na experiência vivenciada o seu eixo. Possibilita problematizar o grupo juvenil como espaço de ação e esfera de hetero-reconhecimento, onde os jovens podem exercitar suas relações, experimentar intervenções no social e, principalmente, construir auto-imagens positivas.

O grupo proporciona uma melhor participação, amizade e partilha de vida; incentiva o trabalho de cada um/a e favorece a formação integral do/a jovem, que acontece através de todas as atividades: trabalho, namoro, festa, estudo. Tudo precisa andar em sintonia, contribuindo, assim, para o/a jovem crescer e ser feliz.

2.4 Felicidade: é possível conceituá-la?

Conforme o grande estudioso da felicidade enquanto '*fluir humano*', Dr. Mihaly Csikszentmihalyi, (1992, p.13), há mais de 1200 anos, Aristóteles concluiu que, mais do que qualquer coisa, homens e mulheres buscam a felicidade.

O interessante, segundo o Dr. Csikszentmihalyi, é que a felicidade é procurada por si mesma, diferente das outras metas cotidianas, tais como: saúde, beleza, dinheiro ou poder, que são valorizadas somente porque esperamos que estas nos tornem felizes.

Desde a época de Aristóteles, muita coisa mudou. Nossa compreensão sobre uma série de coisas mudou. A pesquisa genética e as incursões espaciais estão aí e não nos deixam mentir. Mas, pouca coisa mudou de lá para cá no que se refere à importante questão da felicidade. De acordo com Csikszentmihalyi, (1992, p.13), *compreendemos o que é a felicidade tanto quanto Aristóteles, e podemos afirmar que não fizemos nenhum progresso, para alcançar esse estado abençoado.*

Podemos considerar que, mesmo diante de tantos aspectos positivos da atualidade, tais como: mais saúde e uma expectativa de vida mais longa, vivendo, até os mais pobres, cercados de regalias materiais nunca antes imaginadas, uma enorme evolução científica a que podemos ter acesso, as pessoas acabam sentindo que suas vidas foram desperdiçadas e que em vez de se sentirem felizes, se queixam de que os anos foram consumidos pela ansiedade e pelo tédio. Diante de

um cenário diário como este, talvez pareça até contraditório e pretensioso abordar o tema do grupo de jovens como “lugar” da felicidade.

Tal contradição e pretensão se agravam ainda se levarmos em conta as variadas questões presentes nas vidas dos/as jovens com os/as quais convivemos em nossa prática. Notamos que a felicidade parece “gritar” de forma especial na vida de cada jovem individualmente e nas vidas dos/as jovens que procuram a felicidade de forma coletiva e grupal. A expressão utilizada pelo Dr. Csikszentmihalyi, (1992, p.15), é “*experiência máxima*”, descrita adequadamente desta forma:

... Porém todos vivenciamos ocasiões nas quais, em vez de sermos açoitados por forças anônimas, sentimo-nos realmente no controle de nossas ações, donos de nosso próprio destino. Nas raras vezes em que isso acontece, experimentamos uma satisfação profunda e uma profunda sensação de prazer, lembradas por muito tempo, e que, em nossa memória, se torna um ponto de referência de como deveria ser a vida.

Como poderia o grupo ser esse lugar de “*experiência máxima*” para os/as jovens? Em meio a tantos dramas pelos quais passam os/as jovens de hoje, onde, apenas para descrever algumas das muitas situações dramáticas identificadas por GUEMBE e GOÑI (2005): a situação do/a jovem que é usuário/a de drogas; daquele/a que se queixa que não é mais criança; daquela, daquele que passa a noite inteira conectada/o na *Internet*; daquela jovem cuja auto-imagem considera prejudicada pelo fato de ser gorda a ponto de se sentir inadequada para viver tão constrangida assim no meio de um grupo; aquele jovem de estilo “*quero mais, quero sempre mais*”, o qual poderíamos chamar de “*consumista de carteirinha*”, porque é convicto, confesso e tem recursos para assim se manter; aqueles e aquelas jovens que se dão à agressividade e que procuram por meio da violência a outros/as, extravasar seus descontroles e emoções intensas, jovens que afirmam: “*nós nos divertimos brigando, não há nada de mal nisso*”; aquela jovem com ataque de pânico, que não faz nada, fica o tempo inteiro dentro de casa, muda todas as rotinas da família, mantendo todos outros voltados para a vida dela; há também aquele

jovem de estilo “esquisito” que em suas comunicações não menos esquisitas, afirma que os “*extraterrestres vão salvar o mundo*”; aquela jovem que tem “*troca de roupa no elevador*”, isto é, quer sempre estar na última moda; aquele jovem cujos pais estão separados e cada um deles já constituíram novas famílias, de modo que ele é o primeiro filho dos dois, porém já tem outros dois irmãos: um de seu pai com a outra mulher e outro de sua mãe com outro homem; há também aqueles/as jovens desiludidos em termos amorosos “logo cedo” na vida: estes constituem o estilo que são traídos/as e também o estilo “desencanado”, como eles/as mesmos/as gostam de afirmar, quer dizer, aqueles/as jovens que trocam de relações como trocam de roupas; a lista continua naqueles jovens de estilo “*Caim*”, que afirmam: “*não suporto o meu irmão ou irmã, tenho vontade de matá-lo*”; tem ainda aqueles/as jovens com pensamentos fixos em sua própria destruição, que dizem: “*eu preferia não ter nascido*”; e, para terminar a lista, aquele jovem, aquela jovem de estilo “*corretivo corpora*”, aqueles que querem “remontar” (ou montar novamente) suas estéticas corporais, fazendo uma série de plásticas e cirurgias corretivas. Nossa, poderíamos nos perguntar: onde está para cada uma destas individualidades juvenis a felicidade? Como pode o grupo de jovens se tornar um lugar de felicidade para cada uma destas individualidades?

A partir destas questões básicas, realizamos uma pesquisa orientada junto a alguns e algumas jovens que participam de grupos de jovens, numa tentativa de verificar como se sentem e quais são suas respostas.

Inicialmente, constatamos que para os/as jovens que têm participação efetiva nos grupos, não é difícil afirmar que o grupo é sim um lugar de felicidade. Todos/as os/as entrevistados/as responderam de modo afirmativo quando perguntados/as se o grupo de jovens é lugar da felicidade. Assim se expressam alguns:

- *“Sim!!! Porque se não fosse eu não teria continuado a participar!”* (LR, 20 anos);
- *“Sim, a cada encontro descubro paz interior e isso só pode ser um pedacinho de felicidade!”* (BT, 19 anos)
- *“Sim, pois todos se respeitam igualmente e pode-se contar com verdadeiros amigos”*. (SD, 18 anos)
- *“Sim, porque gente como a gente vive a mesma vida, os mesmos sonhos, são mais encorajadores na hora do aperto e comemoram a valer na festa”*. (TD 22 anos)
- *“Com certeza, pois é lá que mais se manifesta a nossa responsabilidade e compromisso”*. (MS 26 anos)
- *“Acredito sim. Vivi e vivo esta felicidade hoje ainda. Como é bom parar e olhar o que ficou para trás, histórias de muitas felicidades, resistências, lutas. E também porque a partilha, a oração, o lazer, todas as coisas que acontecem coletivamente e não individualmente, isto é muito legal, enche o coração de alegria e esperança no outro mundo possível, fazendo acreditar que sonho sonhado junto sempre se tornará realidade, indiferente do tempo que levará para se realizar. Felicidade é também quando vivemos o espírito da verdadeira comunidade, isto é o grupo que nos mostra”*. (DB, 20 anos)

As respostas dos/as jovens nos ajudam a compreender que quando participam de um grupo sentem-se mais felizes, realizados, sobretudo porque encontram nos iguais um modo de ser feliz.

Observamos, também, que no momento em que os/as jovens estão reunidos/as nos grupos dos quais fazem parte, manifestam uma série de sensações

que procuram exprimir, ou, ao menos, demonstrar claramente, que a experiência de fazer parte de um grupo, os/as deixam felizes. Dentre as constatações, destacamos:

- A sensação de liberdade para se expressar física e emocionalmente como quiser;
- O fato de o grupo funcionar como um instrumento de apoio no entendimento de como se dão as relações humanas;
- A percepção do grupo como um desafio para superar as tendências do hiper-individualismo de hoje – o grupo, sobretudo de motivação religiosa, normalmente procura acentuar mais aspectos comunitários positivos, centrados na transmissão de valores éticos, morais e políticos;
- A linguagem utilizada nos grupos que evolui para outras linguagens que utilizam códigos, dos quais os/as jovens estão acostumados em seus cotidianos;
- A contribuição do grupo para o fato dos/as jovens se sentirem compreendidos em suas necessidades de aceitação e de afirmação pessoais;
- A percepção de que o grupo é lugar onde se aprende a compartilhar desde dinâmicas cotidianas mais superficiais até aquelas dinâmicas mais profundas da existência humana;
- Muitos mencionam o grupo como um sistema permanente que aciona a memória de elementos importantes e significativos. Tais elementos contribuem para que suas vidas diárias sejam marcadas pelas informações boas e pelos valores que procuram viver no grupo, como: respeito, aceitação, compreensão do outro, abertura ao diferente,

integração, trocas emocionais motivadas mais pelo *bem em si* do que por espírito de competição ou revanchismos, etc.;

- A “gostosa experiência” de reciprocidade e cumplicidade ao compartilharem momentos difíceis. Os/as jovens se mostram muito sensíveis para as tentativas de compreensão das motivações e dos momentos duros pelos quais todos passam;
- Por fim, o entendimento do grupo como um espaço onde a manifestação da gratuidade é constante. Para os/as jovens esta experiência de gratuidade diz tudo o que precisam para integrar o que eles/as sentem como expressão da humanidade em suas próprias vidas.

Partindo dessas observações não é difícil concordar com o autor Hilário Dick, (2006, p. 52-53) quando afirma que: *O jovem experimenta, com toda a força, a beleza do grupo. [...] O grupo é o lugar da felicidade do jovem; o grupo é uma necessidade biológica, psicológica, sociológica e teológica.*

Nossa observação em relação ao que constatamos nos grupos, junto aos quais interagimos de diferentes formas, não muda o fato de vivermos tempos conturbados e difíceis em todos os nichos de nossa *Biosfera*, e que todos nós **nos** deparamos com muitos desafios que estão a nossa frente.

Vale recordar que, entre os desafios, sobretudo, desafios relacionais entre os/as jovens, e de cada um/a de nós, podemos destacar: aumento do sentimento de solidão; crescimento do número de patologias de caráter narcísicas (acentuadas pelo hiper-individualismo); disseminação do fenômeno da drogadição; agressividade e violência como referências cotidianas.

3 A IMPORTÂNCIA DO GRUPO NOS PROCESSOS IDENTITÁRIOS

Hoje, a riqueza de informações, a facilidade de comunicação com as mais diversas partes do planeta de forma quase instantânea e, em alguns casos, instantânea, afetam em muito aquilo que somos e pensamos coletivamente.

Observa-se que o/a jovem está em processo contínuo de redefinir-se na busca de autonomia, uma vez que os modelos estáveis de identidade, fornecidos anteriormente por grupos e instituições, hoje dão lugar a uma ampliação de possibilidades de escolhas, de realização pessoal e de construção de autonomia. Além disso, é próprio do/a jovem ter necessidade de ser aceito/a pelo grupo, muitas vezes assimilando a idéia ou as convicções do grupo para não sofrer discriminação ou exclusão.

Os processos identitários pelos quais os/as jovens passam, isto é, aquelas incríveis redes de ramificações e modificações constantes, indicam a evolução rápida de todos os fatores que compõem a vida de cada jovem individualmente em seus vários aspectos: familiar, biológico, relacional, psicológico, social, étnico, cultural, espiritual, etc.

Tais processos identitários, com o passar do tempo adolescente-juvenil, vão sintetizando, por assim dizer, as experiências pessoais, gerando sempre novos elementos identificatórios e criando um “*sentido de unicidade*”, como dizia Erik H. Erikson (1972). Quer dizer que o/a jovem, individualmente, vai colaborando na criação de sua personalidade, ou se quisermos, na criação de sua identidade pessoal, que é, ao mesmo tempo, reconhecida e confirmada pelos outros em todas as permutas e trocas relacionais que forem mantidas. É esta mesma síntese

pessoal, a responsável por dar certo sentido de consistência à identidade de cada jovem.

Os processos identitários, pelos quais passam os/as jovens, estão intrinsecamente articulados à sociedade, bem como às complexas e dinâmicas relações sociais com sua cultura. O processo se dá no seio dos grupos de referência, sendo a família o primeiro e principal grupo. Após a família, há uma série de outros grupos que contribuem de forma significativa para que ocorra tal processo: grupo de amigos, parentes, vizinhos, escola, etc.

Esse processo só poderá ocorrer através das relações sociais, isto é, o eu é aberto ao indivíduo somente quando este entra em contato com o/a outro/a, ressaltando a importância dos grupos de referência. Em outras palavras, o grupo de referência fornece ao “eu” uma identidade. Neste sentido, cada grupo social ao qual o/a jovem se relaciona possui um conjunto de atributos semelhantes. Por exemplo: no grupo familiar, os irmãos possuem uma história de vida comum, comungam de alguns valores, seus parentes são os mesmos, ou seja, há um conjunto de elementos comuns que fazem com que os irmãos se reconheçam. No grupo de amigos, todos os membros possuem algo em comum: interesses, visões de mundo, idade, gostos, etc. Portanto, há fundamentalmente dois elementos que compõem a identidade: o reconhecimento e a existência de atributos comuns.

Ocorre que, nem sempre é possível haver, segundo Erikson (1972), uma construção harmoniosa da identidade, podendo surgir crises. Nesse sentido, quando o indivíduo diverge da realidade do grupo, quando há rupturas profundas de determinadas realidades por ele vivenciadas, ele passa a vivenciar uma crise de identidade. Por exemplo, alguém que é socializado num espaço onde os valores são rigorosos e tradicionais e passa a conviver com pessoas que comungam de valores mais liberais e vanguardistas, pode sofrer uma crise de identidade. Da mesma

forma, crianças oriundas de segmentos menos favorecidos, quando ingressam no universo escolar, podem estranhá-lo, trazendo-lhes desconforto no instante em que há uma descontinuidade entre sua realidade e a da escola. Tal estranhamento tem a ver com a identidade: no seu cotidiano de origem tal criança se reconhece de um modo bastante diferente do que aquele vivenciado na escola.

Se uma pessoa integrar bem a confiança, a autonomia, a iniciativa e a competência, então ela irá estruturar uma identidade sadia. Mas, se ela não conseguir integrar elementos positivos e integrar elementos negativos, quais sejam, desconfiança, vergonha, dúvida, culpa e inferioridade ela se encontrará, conforme Erikson (1972), numa confusão de papéis. Para Erikson, apud Gallatin (1978) *o ser humano psicologicamente são é aquele que desenvolveu um firme sentido de identidade*. Ou seja, a unidade final da personalidade depende de um firme sentido de identidade.

A sociedade, a escola, o mercado de trabalho e os meios de comunicação utilizam-se de suas ferramentas para difundir e impor suas ideologias ou verdades. O/a jovem, por suas características, está ansioso/a, curioso/a, sedento/a por respostas que venham rapidamente, uma vez que tudo é muito veloz. Entretanto, se não houver um filtro que auxilie o/a jovem a discernir o que é valor e o que é supérfluo, corre-se o risco de ter-se adultos/as desprovidos/as de senso crítico.

É aqui que se percebe a importância do grupo na vida do/a adolescente e do/a jovem. Não “qualquer grupo”, mas, sobretudo um grupo que valorize os valores éticos fundamentais como honestidade, amor ao próximo, co-responsabilidade, solidariedade, etc... O grupo é quem vai desempenhar a função de filtro.

Esse “grupo” pode tomar várias formas: família, escola, colegas de rua etc. e, também, o “grupo de jovens” como tal. Aqui, falamos, especificamente, do grupo de jovens de comunidades paroquiais. Grupo esse que se diferencia por suas

características bem específicas: fundamenta-se nos valores da fé e no testemunho de Jesus Cristo, isto é, trabalha a mística e a espiritualidade do/a jovem; desenvolve dinâmicas e reflexões que permitem ao jovem despertar sua criticidade frente aos acontecimentos; possibilita troca de idéias, experiências, dúvidas, gerando um sentimento de pertença e de valorização do eu e do/a outro/a; promove momentos de animação, acolhida e diversão, imprescindíveis para atrair e manter o interesse do/a jovem.

O grupo tem um significado muito especial na vida do/a jovem. O conviver em grupo está inscrito nas veias dos/as adolescentes e dos/as jovens de um ou de outro jeito. Não há escapatória. Eles tendem à grupalidade. Para os/as jovens entrevistados/as, os motivos que levam os/as jovens a participar de um grupo, no nosso caso grupo de jovens de comunidades paroquiais, são bastante diversificados, mas revelam que são importantes para sua permanência posterior. Embora haja diversidade nas respostas, algumas razões se repetem de forma significativa, entre elas a amizade e a busca por novas aprendizagens. Quando questionados/as sobre as razões por que buscam o grupo, respondem: *“Entrei no grupo para fazer amigos, que não fossem embora a cada final de ano”* (LR. 20 anos). *“Eu participo do grupo porque quero aprender coisas novas e fazer novas amizades e porque gosto muito”* (FF. 15 anos). *“Aprender coisas novas, conhecer novas pessoas e fazer novas amigos”* (MS. 15 anos). *“As razões foram que eu ia fazer novos amigos...”* (NA. 14 anos). *“Fazer novas amizades...”* (EM. 14 anos). *“1º que valia presença na catequese. 2º as minhas amigas também queriam ir...”* (BGC. 13 anos).

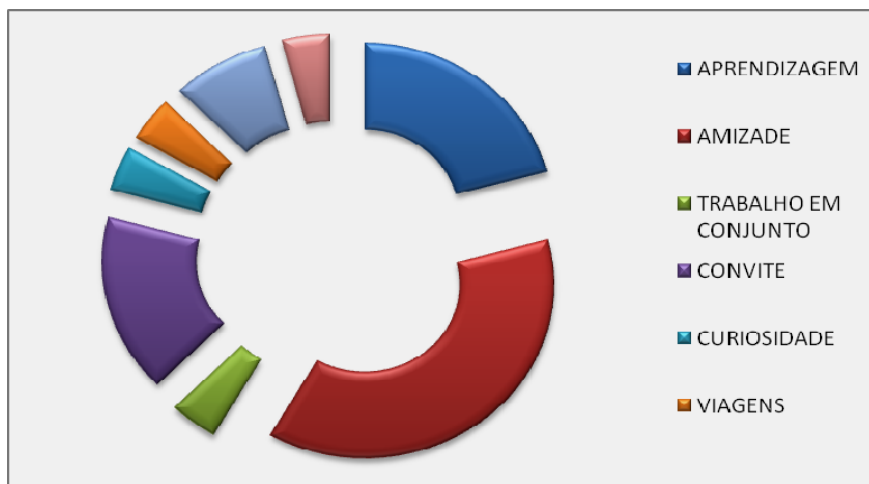
As demais motivações aparecem não de forma repetitiva, mas com certeza não são menos importantes. Assim se expressam: *“Todos que participavam sempre estavam felizes e diziam que era muito bom, que existia uma coisa que só tu indo*

pra descobrir” (BGC. 13 anos). *“... quero fazer coisas novas no grupo”* (VP. 12 anos). *“Tivemos o convite e o incentivo dos professores de crisma então me interessei e fui”* (BZ. 13 anos). *“... os catequistas falando que era legal”* (GFM. 13 anos). *“O verdadeiro motivo foi a curiosidade de descobrir um novo modo de vida”* (RDG. 14 anos). *“... participar das atividades e viagens”* (EM. 14 anos).

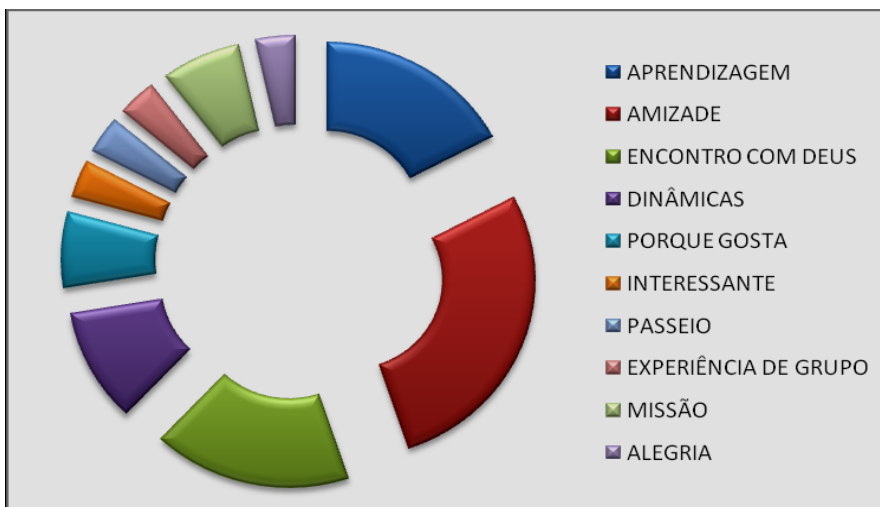
Quando perguntados/as por que continuam participando, percebemos que as respostas se assemelham aos mesmos motivos por que buscaram o grupo. Os amigos e as novas aprendizagens aparecem em primeiro lugar. *“Continuar com as amizades”* (EM. 14 anos). *“Os meus amigos, as aprendizagens novas, os passeios, as brincadeira, tudo que o grupo tem a me oferecer”* (FF. 15 anos). *“São os amigos, os momentos alegres e divertidos, os momentos de auto-conhecimento, enfim Deus”* (RDG. 14 anos). *“As novas amizades”* (AN. 14 anos). *“As amizades que cultivamos lá, e as coisas que aprendemos”* (BZ. 13 anos).). *“A alegria das pessoas que participam, os amigos que tenho lá, uma forma de se comunicar melhor com Deus, as dinâmicas que sempre acrescentam algo bom”* (BGC, 13 anos). *“A vontade de levar a mensagem de amor de Jesus a mais jovens, para que também se sintam chamados. Pois no grupo formamos amizades fortes e verdadeiras amizades em Cristo”* (SD. 18 anos). *“... É um encontro muito rico para nós como pessoas e como humanidade”* (TD. 22 anos). *“Ter como demonstrar minha gratidão ao Pai. Todos nós temos uma missão, e acho que preciso ter algum trabalho na comunidade para me sentir em paz, além de ter grandes amigos no grupo”* (BMT. 19 anos). *“O que me faz continuar participando, é a paixão pelo protagonismo juvenil, por acreditar e seguir o projeto de Jesus Cristo, que é nossa luz, nossa esperança... E poder saber que olhar para o horizonte é importante, porque caminhamos e enquanto vamos caminhando vamos encontrando cada vez mais jovens para a proposta da Pastoral da Juventude”* (DB, 20 anos).

Para melhor visualizarmos a incidência nas respostas, das duas questões, faremos a representação através de gráficos.

RAZÕES POR QUE BUSCAM O GRUPO



RAZÕES POR QUE CONTINUAM PARTICIPANDO DO GRUPO



O grupo é, também, um espaço de experimentação que favorece, além de uma riqueza de trocas, o respeito ao outro e às suas expressões. É nesse universo de relações que cada indivíduo vai se descobrindo e se construindo, criando-se e recriando-se num exercício de reciprocidade.

Em termos de desenvolvimento pessoal, o/a jovem estará fazendo crescer, como afirma Costa (apud, Azevedo, s.d),

...seu senso de identidade, de auto-estima, de autoconceito, de autoconfiança, de visão de futuro, do nível de aspiração vital, do projeto

e do sentido da vida, da autodeterminação, da auto-realização e da busca da plenitude humana.

Essa afirmação é atestada/confirmada pelos/as jovens entrevistados/as. Assim se expressa uma jovem quando perguntada se houve alguma mudança na sua vida a partir do momento que começou a freqüentar o grupo:

Bah... eu sou filha única, sempre tive todas as coisas que eu queria e as coisas que eu ganhava eu não precisava partilhar com ninguém, nunca recebi um NÃO. Por mais que tinha minha veia política, eu poderia ter ido para o campo bem da DIREITA, mas ainda bem que escolhi um bom caminho. O grupo me fez perceber que o mundo não era só casa-colégio ou colégio-casa, tinha algo a mais além do meu umbigo apenas. No grupo percebi o valor da partilha do alimento, da palavra, aprendi a escutar, a falar nos momentos certos, percebi o valor de cada oração juntos, cada aniversário, bah... éramos como uma família, vivemos um bom período da vida juntos. Construí muito do que sou hoje, devido a participação no grupo e na Pastoral da Juventude, meu caráter, minha personalidade, meus gostos, minhas decisões... Sou Feliz! (DB, 20 anos).

Sabemos que a formação do/a jovem pode ocorrer em vários espaços de intersecção na sociedade; contudo, o grupo é um espaço que dá possibilidades, ao jovem, ao adolescente e à pessoa em geral, de encontrar-se com outros/as e, no encontro, confrontar-se, encontrando, ou não, sentido para sua vida. Também será um espaço de troca de informações sobre a realidade em que o/a jovem, o/a adolescente ou qualquer outra pessoa está inserido/a, sobre as mudanças que percebem no seu modo de ser jovem e de estar no mundo. Conforme Marcos Arruda (2003, p. 178-179),

Somos uma espécie de encruzilhada de diversas naturezas, desde as mais singulares e específicas da pessoa única que somos, até as dos agrupamentos ou formações naturais, sociais e humanas a que pertencemos. E todas elas estão em processo de formação, de evolução. Nenhuma é, em última instância, estática e definitiva.

É “no espremer das suas relações grupais”, que os/as jovens podem experimentar o quanto o grupo pode favorecer os processos de descobertas de suas identidades. As formas dinâmicas pelas quais se processam essas descobertas podem, inicialmente, ser marcadas por desencontros, receios, medos, rejeições e exclusões. Mas são etapas necessárias para despertar as consciências juvenis para

uma vida que é bem real, sensível, palpável e, por vezes, cruel, desrespeitosa, arrogante. Realidade dura, mas que não pode ser negada. O papel do grupo, neste caso, é abrir janelas que apresentem outras referências do que significa tornar-se um ser humano melhor, integral, disposto a crescer e a favorecer o crescimento dos demais.

3.1 Teoria do desenvolvimento psicossocial de *Erik H. Erikson*

A teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson afirma que o crescimento psicológico ocorre através de estágios e fases, não ocorre ao acaso e depende da interação da pessoa com o meio que a rodeia. Cada estágio é atravessado por uma crise psicossocial entre uma vertente positiva e uma vertente negativa.

As duas vertentes são necessárias, mas é essencial que se sobreponha a positiva. A forma como cada crise é ultrapassada ao longo de todos os estágios irá influenciar a capacidade para se resolverem conflitos inerentes à vida. Esta teoria concebe o desenvolvimento em 8 estágios, um dos quais se situa no período da adolescência:

3.2 Estágios de desenvolvimento

Amplamente difundidos na área da psicologia do desenvolvimento e nos estudos de psicologia sobre personalidade e identidade, se encontram os conhecidos “*oito estágios de E. H. Erikson*”⁶.

⁶ Erikson, E.H. (1976): *Infância e sociedade* (2ª ed.). (G. Amado, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

Embora haja muitas críticas sobre esquemas de correntes de psicologia que se pretendem completos e originários da *psicanálise*, os estágios de Erikson, desde seu aparecimento, vêm servindo de plataforma para a composição de outras construções teórico-práticas⁷, influenciando diversas áreas das ciências humanas e derivando uma série de compreensões e *insight's* sobre como se dá o desenvolvimento, a integração e alguns aspectos da evolução humana.

Tendo em vista estes elementos, vamos descrever brevemente cada um dos estágios de Erikson, pois eles sugerem um modelo interessante de abordagem dos processos de identificação ou processos identitários, que consideramos enriquecedor para o tema deste trabalho. Como os estágios de Erikson são sempre compostos de binômios equivalentes, apresentamos os mesmos juntos, por exemplo: confiança/desconfiança, autonomia/dúvida e vergonha, etc.

O primeiro estágio – confiança/desconfiança – ocorre aproximadamente durante o primeiro ano de vida. A criança adquire, ou não, uma segurança e confiança em relação a si próprio e em relação ao mundo que a rodeia, através da relação que tem com a mãe. Se a mãe não responde às suas necessidades, a criança pode desenvolver medos, receios, sentimentos de desconfiança que poderão vir a refletir-se nas relações futuras. Se a relação é de segurança e as suas necessidades são satisfeitas, a criança vai ter melhor capacidade de adaptação às situações futuras, às pessoas e aos papéis socialmente requeridos.

O segundo estágio – autonomia/dúvida e vergonha – é caracterizado por uma contradição entre a vontade própria (os impulsos) e as normas e regras sociais que a criança tem que começar a integrar. É nesta altura do desenvolvimento que começa a explorar o mundo e o seu corpo e o meio deve estimular a criança a fazer as coisas de forma autônoma, não sendo alvo de extrema rigidez, que deixará a

⁷ Erikson, E. H. e Erikson, J.(1998): *O ciclo da vida completo*. Porto Alegre: Artes Médicas.

criança com sentimentos de vergonha. De fato, afirmar uma vontade é um passo importante na construção de uma identidade.

O terceiro estágio – iniciativa/culpa – é o prolongamento da fase anterior, mas de forma mais amadurecida: a criança já deve ter capacidade de distinguir entre o que pode fazer e o que não pode fazer. Este estágio marca a possibilidade de tomar iniciativas sem que se adquira o sentimento de culpa: a criança experimenta diferentes papéis nas brincadeiras em grupo, imita os adultos, têm consciência de ser “outro” que não “os outros”, de individualidade. Deve-se estimular a criança no sentido de que pode ser aquilo que imagina ser, sem sentir culpa.

O quarto estágio – indústria/inferioridade – decorre na idade escolar antes da adolescência. A criança percebe-se como pessoa trabalhadora, capaz de produzir, sente-se competente. Neste estágio, a resolução positiva dos anteriores tem especial relevância: sem confiança, autonomia e iniciativa, a criança não poderá afirmar-se nem sentir-se capaz. O sentimento de inferioridade pode levar a bloqueios cognitivos e a atitudes regressivas: a criança deverá conseguir sentir-se integrada na escola, uma vez que este é um momento de novos relacionamentos interpessoais importantes.

O quinto estágio – identidade/confusão de identidade (papéis) – marca o período da adolescência. É neste estágio que se adquire uma identidade psicossocial: o/a adolescente precisa entender o seu papel no mundo e tem consciência da sua singularidade. Há uma recapitulação e redefinição dos elementos de identidade já adquiridos. Esta é a chamada crise da adolescência. Fatores que contribuem para a confusão da identidade são: perda de laços familiares e falta de apoio no crescimento; expectativas parentais e sociais divergentes do grupo de pares; dificuldades em lidar com a mudança; falta de laços sociais exteriores à família (que permitem o reconhecimento de outras perspectivas)

e o insucesso no processo de separação emocional entre a criança e as figuras de ligação.

O sexto estágio – intimidade/isolamento – ocorre entre os vinte e os 30 anos, aproximadamente. A tarefa essencial deste estágio é o estabelecimento de relações íntimas do/a jovem adulto/a com outras pessoas. A vertente negativa é o isolamento, por parte dos/as que não conseguem estabelecer compromissos nem troca de afetos com intimidade.

O sétimo estágio – generatividade/estagnação – é caracterizado pela necessidade em orientar a geração seguinte, em investir na sociedade em que se está inserido. É uma fase de afirmação pessoal no mundo do trabalho e da família. A vertente negativa leva o indivíduo à estagnação nos compromissos sociais, à falta de relações exteriores, à centralização em si próprio.

Por fim, o oitavo estágio – integridade/desespero – ocorre a partir dos sessenta anos e é favorável uma integração e compreensão do passado vivido. Quando se renega a vida, se sente fracassado/a pela falta de poderes físicos, sociais e cognitivos, este estágio é mal ultrapassado⁸.

3.3 Crise da adolescência

A busca do “eu” nos/as outros/as na tentativa de obter uma identidade para o seu ego é o que Erikson (1972) chamou de “crise de identidade”, o que acarreta angústias, passividade ou revolta, dificulta o relacionamento inter e intrapessoal, além de conflitos de valores.

⁸ Rabello, E. e Passos, J. (2007): *Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento*. Disponível em <<http://www.josesilveira.com>> no dia 30 de setembro de 2007.

Para Erikson (1972), o senso de identidade é desenvolvido durante todo o ciclo vital, onde cada indivíduo passa por uma série de períodos desenvolvimentais distintos, havendo tarefas específicas para se enfrentar.

A tarefa central de cada período é o desenvolvimento de uma qualidade específica do ego. No caso do período da adolescência, a qualidade do ego desenvolvida, segundo Erikson (1972), é a identidade, sendo a principal tarefa adaptar o sentido do eu às mudanças físicas da puberdade, além de desenvolver uma identidade sexual madura, buscar novos valores e fazer uma escolha ocupacional.

Para que ocorra, são necessárias as seguintes condições: um certo nível de desenvolvimento intelectual, a ocorrência da puberdade, um certo crescimento físico e pressões culturais que levem o/a adolescente à efetiva ressíntese da sua identidade. Para além das mudanças físicas já referidas acima, o/a adolescente adquire também a capacidade de operações formais e raciocínio abstrato.

O pensamento formal constitui a capacidade de refletir acerca do seu próprio pensamento e do pensamento dos/as outros/as. O raciocínio abstrato permite colocar hipóteses, conceber teorias e opera com proposições.

É fundamental que ocorra o chamado período de moratória, em que o/a jovem tem possibilidades de explorar hipóteses e escolher caminhos. De fato é nesta altura que vários agentes de socialização exercem pressão para o assumir responsabilidades e para a tomada de decisões, principalmente do foro escolar e profissional. Erikson considera que a moratória institucionalizada – rituais sociais para a entrada na idade adulta, como a escola da área profissional no ensino escolar – facilitam a preparação para a aquisição de papéis na sociedade. Por outro lado, um contexto social não estruturado pode levar a uma crise de identidade.

Como não é possível separar a crise de identidade individual com o contexto histórico da sociedade em que se insere o indivíduo, momentos de crise como guerras, epidemias e revoluções influenciam o/a adolescente em larga escala, quanto aos seus valores morais, por exemplo.

Os/as outros/as têm um importante papel na definição da identidade: o/a jovem vê refletido no seu grupo de amigos/as parte da sua identidade e preocupa-se muito com a opinião dos mesmos. Por vezes, procura amigos/as com “maneiras de estar” divergentes daquela em que cresceu, de forma a poder pôr em causa os valores dos pais, testando possibilidades para construir a sua própria “maneira”. O grupo permite um jogo de identificações e a partilha de segredos e experiências essenciais para o desenvolvimento da personalidade.

Segundo Erikson, o/a adolescente que adquire a sua identidade é aquele/a que se torna fiel a uma coerente interação com a sociedade, a uma ideologia ou profissão, que é também uma tarefa deste estágio. A fidelidade permite ao indivíduo a devoção a uma causa – compromisso com certos valores. Também permite confiar em si próprio/a e nas outras pessoas, como tal, a interação social é fundamental⁹.

3.4 Apoio relacional e estruturante em meio ao caos

Os processos identitários pelos quais passamos, são sempre grupais. Os grupos fazem parte constante de nossa trajetória humana e vão evoluindo e se abrindo constantemente: clãs, famílias, grupos de convivência religiosa, social, escolar, laborais. Somos seres grupais. Os grupos nos formam e nós damos corpo aos grupos dos quais participamos.

⁹ Erikson, E.H. (1976): *Identidade: Juventude e crise* (2ª ed.). (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

Conforme vimos nos estágios de Erikson, caso os processos identitários não sejam assimilados e integrados no todo da personalidade, um dos pólos irá dominar a estrutura relacional do indivíduo. Por exemplo: se um/a jovem que esteja passando pelo quinto estágio (identidade versus confusão de papéis), ao invés de estruturar sua identidade, vier a estruturar o lado oposto, acontece a confusão de papéis, podemos dizer, que um caos relacional se instala e para este/a adolescente jovem, custará muito os próximos passos que pretende dar na linha de se identificar com algo, com algum projeto de vida e mesmo com alguém futuramente.

Tornando mais claro o exemplo, imagine que o/a jovem em questão, seja uma pessoa que foi formada numa família de valores cristãos tradicionais e que está confusa sobre quem é, desconectada de seu passado, rejeitando os modelos relacionais e educacionais recebidos de seus pais e professores e cujo comportamento e orientação sexual não seguem a ordem natural de seu próprio corpo... Seja nesse caso ou em outros casos bem mais dramáticos que envolvem uso de drogas, violência e sociopatias e para fazer frente a este “dique prestes a arrebentar”, este/a jovem necessitará sem dúvida de alguém, qualificado/a ou não, para passar pelas portas deste processo identitário restrito, no caso destes exemplos mais negativos.

Os/as jovens que buscam edificar a felicidade através da participação de grupos necessitam de alguém que os/as ajudem a realizar o que poderíamos chamar de uma *iniciação na arte de responder aos grandes questionamentos vitais de modo mais adequado, criativo, sintonizado com os próprios passos e respeitando sempre os limites, tempos e valores dos outros.*

Evitamos o termo maturidade ou falar de alguém que “*seja maduro*” para colaborar nos processos identitários dos/das jovens, pois este termo soa por demais conclusivo, quase dogmático. Optamos pelo uso de termos mais utilizados neste

período histórico como: assessores/as, facilitadores/as de processos, cuidadores/as, conselheiros/as, coordenadores/as, consultores/as, acompanhante.

Convém perguntar: é possível traçar, quer dizer, nomear alguns elementos ou perfis que possam favorecer aqueles e aquelas que, direta ou indiretamente, assumem posturas de acompanhantes de jovens? O que precisa um/a acompanhante de jovens para ajudá-los/as em suas muitas travessias vitais?

3.5 Traços de acompanhantes de jovens dispostos/as a ajudar na travessia

Segundo o CELAM¹⁰ a palavra “assessor” provém de “sedere ad”, que quer dizer “sentar-se junto a” e sugere a idéia de motivar, acompanhar, orientar e integrar a contribuição e a participação dos/as jovens na Igreja e na sociedade. Nessa reflexão sobre a assessoria optamos pela terminologia acompanhante, que tem um sentido mais significativo/real de “sentar-se junto a”.

Para início de conversa trazemos a idéia do autor Marcos Arruda (2003, p. 245) quando se refere ao objetivo do/a educador/a na relação com seus educandos, que é, segundo ele:

Ajudá-los a libertar-se de si mesmos, a identificar-se plenamente com os outros e o mundo como parceiros do conhecimento até o ponto de ‘desprender-se do próprio Eu’ e dotar uma intencionalidade sem ‘intenção’.

Esta é, entre outras, uma das funções essenciais do papel do/a acompanhante de jovens, colaborando para que os/as jovens sejam capazes de sair de si e, no confronto com o/a outro/a, assumir a própria identidade.

Para que esta e outras “funções” sejam alcançadas, destacamos alguns traços e pistas que consideramos elementos importantes que podem facilitar os/as acompanhantes de jovens na tarefa de apoiá-los/as.

¹⁰ CELAM, 1997, p. 276

Conhecer-se a si mesmo, eis um recurso libertador e um importante fator de crescimento e desenvolvimento pessoal em nível de autopercepção e autodescoberta.

O/a acompanhante de jovens precisa levar em consideração os elementos que constituem a sua realidade individual, como pessoa que comporta aspectos fisiológicos: estrutura física corporal; sistemas bioquímicos e orgânicos; aspectos psicológicos: temperamento, caráter, reações, modos de ser de cada um¹¹; aptidões específicas: tipo de inteligência, capacidades especiais; desejos; aspirações; interesses; motivações; limitações, indigência e aspectos negativos¹². Estes vários aspectos devem ser bem conhecidos e devem tender a aceitação de si, de sua corporeidade, mentalidade e espiritualidade. Precisam “*aceitar os dados de fato recebidos do Criador*”, na linguagem de Inácio de Loyola¹³.

Enquanto acompanhante de jovens, pode resgatar o lugar que os conhecimentos da psicologia ocupa no seu dia-a-dia e em todas as orientações que é desafiado/a a dar. Cabe ressaltar que a psicologia que move as ações do acompanhante de jovens não deve querer apenas apresentar novas técnicas, instrumentos de trabalho e resolver problemas, mas sim, quer contribuir para a maturidade integral dos/as jovens¹⁴, quer dizer, ajudá-los/as para que possam viver com maior profundidade aquilo em que cada um/a decidiu acreditar, por meio de um processo de integração progressiva entre as estruturas psíquicas da personalidade e as exigências postas pelos ideais de sua opção de vida¹⁵. Nas palavras de Hilário Dick¹⁶ (2005, p. 24).

Embora ninguém possa dizer-se “amadurecido” psicologicamente, chega o tempo em que o(a) assessor(a), com toda a simplicidade, tem a

¹¹ BRANDEN, Nathaniel. *Auto-Estima e seus seis pilares*, p.115-223.

¹² ALBISETTI, Valerio. *Ciúme: conhecer, enfrentar, superar*, p.15-45.

¹³ Cartas de Santo Inácio de Loyola, Vol. I. “*As primeiras cartas de uma vida nova*”, p.35-65.

¹⁴ ABRANCHES, N. *Aumente sua auto-estima e transforme sua vida*, p.32-78.

¹⁵ GOTHCHALK, C.H.M. (Org.) e VVAA. *Aconselhamento Pastoral e Orientação Espiritual: Estágio específico de pastoral*, especialmente o capítulo sobre a fundamentação teológica.

¹⁶ DICK, Hilário. *Cartas a Neotéfilo*. Conversas sobre assessoria para grupos de jovens, p. 24

licença de ser “presença” firme, carinhosa e desafiante. [...] É alguém capaz de dizer uma palavra diferente, de uma atitude diferente, mas que vai ao encontro do que o jovem sonha ver em alguém mais vivido. Não se trata de ser psicólogo “de canudo”; trata-se de perceber fenômenos da psicologia manifestando-se na vida dos jovens.

É interessante lembrar que o conhecimento de si mesmo não é estático nem passivo. É um conhecimento dinâmico, e pode levar à superação, à mudança, ao crescimento e à realização pessoal¹⁷. Mas, alguém poderia perguntar: “*para que se conhecer a si mesmo?*” A resposta a esta pergunta passa pelos verbos: cultivar, corrigir e integrar.

Cultivar a construção autocompreensiva e adequada da própria realidade e identidade e de todas as outras relações: consigo, com os/as outros/as, com a realidade e com o transcendente.

Consigno mesmo: perceber-se, dar-se conta dos sentimentos, motivações, tipos de vivências, aceitação de si.

Com os/as outros/as: poder inter-relacionar-se constantemente¹⁸, abrindo os canais de comunicação¹⁹, favorecendo a comunhão, as trocas, as permutas com os/as outros/as, ser capaz de participação, de sair de si mesmo/a²⁰ e do isolamento²¹.

Com a realidade: interagir com as coisas externas, objetivas, independentes de nós, deixar a vida “*seguir seu próprio curso interior de auto-revelação*”²². Na profissão, ver a função construtiva.

¹⁷ BOCK, Ana M. Bahia ; FURTADO, Odair e TEIXEIRA, Maria de Lourdes T. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*, especialmente os capítulos 6, 8, 13, 16 e 21.

¹⁸ RIBAS, João B. C. *Viva a diferença*, p.27-45.

¹⁹ FINKLER, Pedro. *Comunicar e dialogar*, p.23-26.

²⁰ FREEMAN, Herbert S. Streen e FREEMAN, Lucy . *Meu irmão, meu amigo*, p. 34-113.

²¹ MÜLLER, Harry. *Relacionamentos em ação*. O autor apresenta práticas muito úteis de comunicação informal com ampla fundamentação bíblica. É uma obra de grande alcance, sobretudo para trabalhos com pessoas muito resistentes à socialização e portadoras de complexos vitimistas.

²² Eis uma nova linha na psicologia que tem sido denominada de “*psicologia da fruição ou da felicidade*”. Conforme verificamos, tal estudo nada tem a ver com a literatura barata que pretende ser de auto-ajuda. Tal estudo está sendo amplamente investigado por pessoas de renome na Europa, EUA e em países do antigo Leste Europeu. Uma das principais obras traduzidas para o português é de CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. *A psicologia da felicidade*, p.15-170.

Com o transcendente, Deus: descobrir e aceitar a finitude da condição de criatura humana, aceitar as situações limites da vida humana, descobrir o sentido último da existência humana, saber-se amado/a por Deus individualmente²³.

Corrigir (Cf. 2Tm 3) aqueles aspectos de imaturidade²⁴, limitações, imagens e dinâmicas negativas, incoerências, aspectos não construtivos²⁵ e dinamizar forças de superação para viver o ideal²⁶. Consciente de que seu processo de amadurecimento psicológico e de formação humana é constante e permanente²⁷.

Integrar as forças, tendências e capacidades; buscar um equilíbrio sempre maior, a integração e a harmonia interior, o crescimento pessoal em vista de um viver em plenitude; busca viver a coerência consigo mesmo/a: fidelidade a si mesmo/a e tender à integração das necessidades, dos valores e das atitudes²⁸.

A busca do equilíbrio pessoal que provém da integração de todas as forças racionais com as forças da sensibilidade e da vida profunda é outro importante recurso facilitador de vivências integrais para acompanhantes de jovens. Neste sentido toda e qualquer crise se apresenta como fator e oportunidade de crescimento, desenvolvimento e evolução²⁹.

As forças racionais que englobam a inteligência, a vontade, a liberdade e a criatividade³⁰, no/a acompanhante de jovens e a partir da visão ampla de ser humano, deve tender à compreensão de si mesmo e da realidade, saber dar explicações, razões da realidade, do mundo, da natureza humana, da vida, da morte. Busca coordenar melhor a realidade e submetê-la às necessidades, aos

²³ MAY, Gerald. *Simplesmente são: a espiritualidade da saúde mental*, p.188.

²⁴ FISCHEDICK, H. *Começar de novo: a culpa como oportunidade para uma nova vida*, especialmente os capítulos 2 e 3.

²⁵ LACHAPELLE, Paulo. *Psiquiatria pastoral*, p.135.

²⁶ CENCINI, A. e MANENTI, A. *Psicologia e formação: estruturas e dinamismos*, p.123-245.

²⁷ CELAM, 1997, p. 278.

²⁸ LUKAS, Elisabeth. *Prevenção psicológica*, p.43-78.

²⁹ BOFF, Leonardo. *Crise: oportunidade de crescimento*, p.35-40.

³⁰ CALVIN, William H. *Como o cérebro pensa: a evolução da inteligência, ontem e hoje*, p.54-79.

ideais, aos interesses com vistas a transformar, a criar coisas diferentes e ainda compreender a grandeza, o valor e a pequenez da existência humana³¹.

As forças da sensibilidade que integra emoções, sentimentos, afetividade, no acompanhante de jovens constituem um “*plus*” que podem ser canalizadas no sentir, no experimentar, no viver a vida numa dimensão de plenitude e de bem-estar³²; no sentir-se em harmonia, em paz consigo mesmo/a, com os/as outros/as, com o mundo³³; no encontrar um significado existencial da atividade, da ação humana e no compreender-se existencialmente a si mesmo/a, gostar de si mesmo/a, acolher-se nas limitações e nos fracassos³⁴; podendo conviver, compartilhar a própria vida com os/as outros/as e no sentir-se livre de poder dispor da própria vida na doação a alguém, a uma causa, a uma missão³⁵.

A vida profunda é outra dimensão importante para ser cultivada por acompanhantes de jovens. Esta inclui libertar-se das resistências interiores, das amarras para assumir a própria existência como algo a ser construído e realizado. E responsabilizar-se pela própria vida é assumir a responsabilidade e o desafio de ser o que se é³⁶. Poder dar-se a si mesmo/a as razões últimas da própria vida, das opções que se faz, das atitudes que se toma, dando sentido à própria existência e conseguir buscar novas motivações dentro de si mesmo/a quando as coisas não vão bem, diante dos fracassos, para revitalizar a própria vida³⁷.

Esta vida profunda inclui ainda o fato de ser capaz de acolher as manifestações de Deus em sua vida, mediante a fé, e dispor de sua vida em favor dos/as outros/as: na doação, na missão e por fim, viver a dimensão espiritual da

³¹ WHITEHEAD, Evelyn Eaton e WHITEHEAD, James D. *Sombras do coração: espiritualidade das emoções negativas*, p.40-197.

³² GOLDSMITH, Joel S. *A arte da cura espiritual*, p.55-76.

³³ KESSELMEIER, Clemente. *Você pode viver em plenitude*, toda a obra.

³⁴ DAVIS, Ron Lee. *Perdão incondicional*, p.17-37.

³⁵ FRANKL, Viktor E. Há fragmentos destas idéias de Frankl em vários de seus livros.

³⁶ KORNFIELD, David. *Aprofundando a cura interior através de grupos de apoio*, Vol. 1, p.22-90.

³⁷ LUKAS, E. *Mentalização e saúde*, p.25-44.

pessoa humana; aceitando e vivendo a dimensão de transcendência do ser humano³⁸. Segundo Dick (2005, p. 23):

O ministério da assessoria anseia por alguém que seja uma pessoa de fé, vivendo uma espiritualidade que se expressa na relação pessoal com o Pai/Mãe que o(a) chama, com Jesus Cristo que se torna nele(a) no(a) (no[a] assessor[a]) sempre mais seu caminho e com o Espírito Santo que o(a) move a ser, como Deus, serviço, vivendo no cotidiano essa dimensão transcendental banhada pela confrontação com a realidade, especialmente a realidade de pobreza e exclusão.

O/a acompanhante de jovens pode professar a sua fé e vivê-la na comunidade cristã que se manifesta das mais distintas formas, na “Igreja” e “nas igrejas”. Na perspectiva de continuidade, Jesus de Nazaré viveu em comunidade e as comunidades cristãs foram formadas pelos seguidores de Jesus. Claro está que, a comunidade nasce do seguimento de Jesus que anunciou o projeto do Pai e deu a vida por isso. A comunidade cristã é, em sua pluralidade, *“um só corpo em Cristo e, cada um por sua vez, é membro dos outros. Mas temos dons diferentes, conforme a graça concedida a cada um de nós”* (Rm 12,5-6).

Como membro de uma comunidade, o/a acompanhante de jovens, pode “fazer memória” das intervenções de Deus na história em favor da vida, celebrando a Eucaristia, o louvor, o perdão, a ação de graças e os mais diferentes ritos de nossas tradições cristãs. O/a acompanhante de jovens pode auxiliar sua tradição cristã a superar o individualismo, o comodismo e o dispersivismo vividos em muitas relações e encontros comunitários. Na partilha de tudo que é vida, o/a acompanhante de jovens, pode ser um ponto de equilíbrio quanto ao manejo inadequado do poder de dominação – por vezes, tão presente nas tradições *judaico-cristãs* – libertando de toda tentativa de abuso dos espaços comunitários e, favorecendo a libertação de todo fechamento de caráter narcisista nos níveis pessoais³⁹.

³⁸ CATALAN, Jean-François. *O homem e sua religião: enfoque psicológico*, p.133-146.

³⁹ MANCINI, Roberto. *Existência e gratuidade: antropologia da partilha*. O autor perpassa a teoria do existir comunicativo, a promessa enquanto finitude e cumprimento, o princípio do perdão e a política e fraternidade. Conclui realizando uma ontologia da gratuidade.

Segundo Dick⁴⁰, outra dimensão importante na identidade do/a acompanhante é ser uma pessoa encarnada na realidade social. Tornar-se protagonista na transformação do ambiente em que vive. Nas lutas em favor da vida – que são muitas áreas e muitas as variáveis – há um rico espaço para crescimento numa perspectiva integral. Nestas lutas, os/as acompanhantes de jovens, poderão interagir de forma ampla. O teólogo Valdir J. de Castro⁴¹ recorda-nos que:

... Quem se alimenta da espiritualidade cristã tem consciência de que as exigências por condições melhores na vida não são simples favores que as autoridades devem oferecer à população. São um direito a ser conquistado. Um direito humano, mas, antes de tudo, divino.

Colocar-se a favor da vida implica não apenas transformação interior, mas libertação e superação do que diminui, sufoca, ameaça, viola, encurta, oprime, esmaga e mata a vida. Os/as acompanhantes de jovens, neste aspecto, são impulsionados a agir no mesmo Espírito que guiou Jesus de Nazaré, que veio ao mundo para que todos tenham vida em abundância (Jo 10,10). E é neste mesmo Espírito que os/as acompanhantes de jovens podem agir como Jesus, procurando libertar-se de todas as prisões, criando um novo universo de relações e um novo princípio de vida e esperança⁴².

Consideramos também, que o/a acompanhante de jovens é uma pessoa que deve ser orante “*em todo lugar*” (1Tm 2,8) na perspectiva do “*Orai sem cessar!*” (1Tes 5,17). Pode-se dizer, sem dúvida, que sem oração não existe espiritualidade cristã capaz de motivar pessoas a continuarem a lutar. Eis o dilema milenar que acompanha os/as cristãos/ãs ao longo do tempo. Lembramos a importância do/a acompanhante de jovens necessitar de momentos especiais para um contato mais íntimo com Deus, pois isto pode alimentar a mística própria e dar sentido às ações transformadoras⁴³. Jesus de Nazaré não abria mão desses momentos, era orante,

⁴⁰ DICK, 2005, P. 25

⁴¹ CASTRO, V. J. *Espiritualidade cristã: mística da realização humana*. 1998, p.73.

⁴² COLLINS, Gary R. *Aconselhamento cristão*, p.356-370.

⁴³ DAVY, M.-M. *O deserto interior*, p.12-45.

mestre na prática da oração (Lc 11, 1-4). Em meio às muitas dificuldades da vida e de suas relações, Jesus sentia a necessidade de se retirar da agitação diária para estabelecer contato com Deus Pai, para depois voltar novamente ao seu apostolado, missão e pastoral (Mc 1, 35; Jo 8,1). As decisões importantes da vida de Jesus, sempre foram precedidas por longos e profundos momentos de oração (Lc 6,12; Mc 14,32; Lc 22,39-46). Diversos seguidores e seguidoras de Jesus ao longo dos dois milênios cristãos, praticaram orações como fonte mantenedora de vida e de espiritualidade⁴⁴. O CELAM afirma: *o assessor é uma **pessoa de Deus**: uma pessoa de oração e testemunho, que fala a partir da profundidade e da experiência de sua vida, e não a partir da teoria e das coisas aprendidas*⁴⁵.

Sabe-se que o íntimo humano só pode ser atingido quando se cala. No recolhimento de si, o espaço interior se abre e se torna possível à manifestação de conteúdos vitais elaborados e para vivências ligadas à presença de Deus⁴⁶. Tal postura interior precisa ser aprendida, especialmente em tempos como esses nos quais a vida se manifesta. Assim, em meio a uma vida interior que se parece a uma fonte escondida por escombros, o/a acompanhante de jovens pode serenar-se e colocar-se na perspectiva de quem aprende com silêncio orante. O palavreiro ou a enxurrada terminológica está em descrédito permanente e quase todos nós nos encontramos saturados pelo abuso de palavras e termos vazios. Não é à toa, que milhões de pessoas procuram oportunidades, nas quais possam ficar sozinhas, meditativas e em paz.

Em termos práticos, o silêncio interior e exterior nos ajuda a resolver questões sérias na vida, como realizar uma tarefa importante, pensar numa pessoa que nos

⁴⁴ FLORES, Stefano de e GOFFI, Túlio. *Dicionário de Espiritualidade*. Vide verbete correspondente e as notas explicativas.

⁴⁵ CELAM, p. 280

⁴⁶ MORATIEL, José F. *O Poder do silêncio*, p.13-65.

interessa... O silêncio é uma atitude fundamental ou postura interior que torna possível toda a integração pessoal e a oração propriamente dita.

O autor Mihály Szentmártoni⁴⁷, diz que os/as acompanhantes deveriam ter as seguintes atitudes: a empatia, a autenticidade e o empenho não-possessivo. Vamos ver rapidamente cada uma delas conforme a concepção do autor.

A empatia, para M. Szentmártoni, é a capacidade de perceber o mundo privado e os sentimentos de outra pessoa e de comunicar-lhe essa compreensão. A empatia envolve identificação com a outra pessoa e objetividade e, conseqüentemente, exige um esforço intelectual. Fundamentalmente, a atitude empática favorece uma compreensão cada vez mais profunda e clara do mundo interior do interlocutor e se manifesta em níveis cada vez mais profundos.

A autenticidade é a habilidade de se mostrar verdadeiro/a na relação de ajuda. Consiste na disposição que o/a acompanhante de jovens assume perante si mesmo/a. É aquela atitude de disposição de, realmente, se conhecer e de se apresentar aos outros/as sem disfarces. Esta autenticidade acontece num duplo nível. No nível intrapessoal e interpessoal onde sentimento, consciência, experiência e comunicação aparecem numa dinâmica integrativa.

O empenho não-possessivo significa respeitar o sentido de dignidade da outra pessoa, avalia-se o comportamento, não a pessoa.

Consideramos estas atitudes importantíssimas porque elas colocam em evidência o fato de que as atitudes dos/as acompanhantes de jovens devem ser “*não-diretivas*”, no sentido de que eles/as deveriam recusar orientar ou dirigir os/as jovens para determinada direção e evitar levar os indivíduos a pensarem, sentirem ou agirem segundo determinado esquema qualquer. Segundo o CELAM (1997, 282),

O assessor tem claro que seu acompanhamento não é passividade nem não-intervenção. Sabe muito bem que a questão não é influir ou não influir, mas como influir e em quê e para quê. Por isso realiza

⁴⁷ SZENTMÁRTONI, Mihály. *Introdução à teologia pastoral*. 1999. p. 73

intervenções educativas para gerar mudanças na vida dos jovens e as reafirma com seu testemunho de ator social, e não só de anunciante ou de ideólogo que foge da responsabilidade e do conflito.

No livro *Amor, mística e angústia*, o autor Jorge Trevisol fornece algumas dicas que parecem válidas para enriquecer as aptidões dos/as acompanhantes de jovens. Ele apresenta uma série de atitudes ou caminhos possíveis, dentre os quais destacamos, em síntese:

Conservar uma atitude de humildade consigo mesmo;

Cultivar uma relação madura com as pessoas;

Criar sensibilidade e comunhão com a natureza;

Conhecer o próprio nível de consciência pessoal;

Criar um “*ambiente favorável*”;

Dizer o que precisa ser dito a quem precisa ouvir;

Ter confiança no futuro;

Não ter medo da mudança;

Recapitulação da vida com reconhecimento dos erros e cultivo do perdão⁴⁸.

Sabemos da importância do/a acompanhante, do/a assessor/a para os/as jovens. Como afirma Dick⁴⁹, o/a assessor/a é *uma presença firme, carinhosa, e desafiante*. Para ele a assessoria não é uma mera função, mas vai além. Ela é um chamado para uma missão.

O(a) assessor(a) da Pastoral da Juventude é uma pessoa chamada por Deus para exercer o ministério a serviço dos jovens, assumindo esse ministério como opção pessoal, como envio de Igreja e como aceitação (busca, reconhecimento) por parte dos jovens⁵⁰.

É papel do/a acompanhante ser capaz de responder às necessidades e anseios dos/as jovens com propostas que levem à construção de sua autonomia, fundamentada nos valores da solidariedade, de honestidade, do coletivo e do amor

⁴⁸ TREVISOL, Jorge. *Amor, mística e angústia: mistérios inevitáveis da vida humana*, p.244-275.

⁴⁹ DICK, 2005, p. 24

⁵⁰ DICK, 2005, p. 22

ao próximo, despertando-os/as para seus próprios potenciais enquanto indivíduos e enquanto coletivos.

Os destaques que aqui efetivamos podem sugerir outros processos integrativos para que os/as acompanhantes de jovens continuem ampliando suas experiências e agregando sempre novos e dinâmicos conhecimentos relacionais para fazer frente aos muitos desafios em relação ao acompanhamento direto ou indireto com os/as jovens.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na tentativa de concluir, devemos dizer que nossa intenção não foi realizar uma revisão bibliográfica em torno dos conceitos: juventude, grupo, identidade e felicidade, nem mesmo fazer um tratado sobre a importância do grupo nos processos identitários, mas achamos importante aprofundá-los para uma maior compreensão. Nosso objetivo era perceber a importância do grupo na edificação da identidade e da felicidade do/a jovem.

Certamente são conceitos que ainda merecem e devem ser mais aprofundados, pois durante o estudo dos mesmos fomos percebendo como temos algumas concepções errôneas e que de certa forma interferem negativamente na compreensão, sobretudo no tocante à juventude. Conforme Dayrell (2003, p. 24),

Nos deparamos no cotidiano com uma série de imagens a respeito da juventude que interferem na nossa maneira de compreender os jovens. Uma das mais arraigadas é a juventude vista na sua condição de transitoriedade, na qual o jovem é um “vir a ser”, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta o sentido das suas ações no presente.

Hoje, no Brasil, o tema juventude adquiriu visibilidade. Os/as jovens estão constantemente na mídia, na publicidade, na indústria cultural. Há uma produção incessante de imagens a seu respeito. De um lado, eles/as aparecem como tema dos noticiários, envolvidos em grandes problemas de violência ou comportamentos de risco. São caracterizados por um forte individualismo, alienação, desinteresse político, violentos... Por outro, aparecem como modelos de consumo e de um estilo de vida que poucos têm acesso. São bonitos/as, saudáveis, alegres, despreocupados/as.

Na sociedade como um todo, identificam-se mudanças, sobretudo em relação ao comportamento. Há uma juvenização da sociedade. Todos querem ser jovens. O

modo de ser jovem passa a ser referência tanto para as crianças, como para os adultos. Neste sentido poderíamos perguntar: Se todos são jovens, com quem os/as jovens farão o confronto para a formação da identidade?

Este período específico do ciclo da vida, o qual chamamos de juventude, corresponde ao ideal do tempo em que se completa a formação física, intelectual, psíquica, social e cultural. É o momento de passagem de uma condição de dependência para uma autonomia, principalmente em relação à família.

Quando falamos em passagem/ não estamos considerando que seja uma breve passagem da infância para a maturidade como era considerada em outros tempos. Hoje esse tempo se prolongou, visto que há uma necessidade de um tempo maior para a formação, de escolaridade e capacitação profissional, bem como a dificuldade de inserção que caracterizam o “tornar-se” adulto. Para o Instituto de Cidadania (Projeto Juventude, 2004 p.10): *Trata-se, portanto, de uma fase marcada centralmente por processos de desenvolvimento, inserção social e definição de identidades, o que exige experimentação intensa em diferentes esferas da vida.*

Ainda, segundo o Instituto Cidadania (2004, p.14), o que tem caracterizado a juventude hoje é a proliferação *de grupos juvenis*, os quais se configuram como espaços de criação cultural e se tornam canais de articulação de identidades coletivas.

... valem como espaços para a construção de identidade e sociabilidade, incluindo a criação de linguagem e códigos próprios. Possibilitam experimentação, troca de informações, ampliação de referências, elaboração e confronto de valores. Permitem que os jovens se encontrem com outros jovens em espaços menos controlados e regrados por adultos, ou pelo menos por adultos exercendo tutela.

Como já expressamos anteriormente, sabemos que a formação do/a jovem pode ocorrer em vários espaços de intersecção na sociedade; contudo, acreditamos no grupo como um espaço que dá possibilidade ao/a jovem, ao adolescente e à pessoa em geral, de encontrar-se com outros e no encontro, confrontar-se,

encontrando, ou não, sentido para sua vida. Também será o espaço de troca de informações sobre a realidade em que estão inseridos, sobre as mudanças que percebem no seu modo de ser jovem e de estar no mundo.

O grupo se estabelece como um espaço onde se vive a autonomia frente ao outro, exercendo papéis de ensinante e aprendente, num ir e vir. Podemos dizer que é um processo que possibilita ao jovem analisar a si próprio/a e ao mundo que o/a cerca com os olhos da fé, para resistir aos falsos valores, com os pés na realidade, para ser questionador/a e construtor/a de idéias e com o coração voltado para o próximo, a fim de ser cada vez mais solidário/a e menos individualista, uma vez que é próprio do ser humano conviver em grupo.

Se a construção da identidade é tarefa complexa para qualquer pessoa, para o/a jovem será ainda mais crítica. Tantas transformações acompanham o ritmo do mundo globalizado. O indivíduo está sujeito a alterações radicais, fruto do dinamismo da realidade. O nosso desafio é garantir que o/a jovem possa participar do grupo e dar continuidade a sua história individual, compreendendo como se desenvolve o processo de construção ou reconstrução constante da identidade. Pois, como vimos o ser humano é um ser social que está constantemente em relação com seus semelhantes, com a natureza, com o mundo e com Deus. Fazer parte de um grupo é uma necessidade intrínseca da pessoa. Nele ela nasce, vive, convive, amadurece, cresce, descobre, ensina, aprende, recria e multiplica.

O grupo de jovens existe para dar mais força ao/a jovem. Todos sabemos que não somos uma ilha. O/a jovem sente-se bem vivendo em grupo, partilhando suas dificuldades, angústias e aspirações, fracassos e êxitos. Ele/a se percebe um/a com os/as outros/as e se sente estimulado/a, com mais forças para viver o cristianismo no seu dia-a-dia visto que outros jovens andam com ele/a, no mesmo barco; têm as

mesmas dificuldades e aspirações, alegrias e tristezas, angústias e certezas, desejo de construir e realizar algo novo.

No grupo, o/a jovem se sente ele/a mesmo/a, pois pode manifestar suas opiniões livremente e ser entendido/a. É aí o lugar onde tem oportunidades que não encontra, facilmente, em outros lugares da sociedade. Os/as jovens vibram com a existência do grupo e afirmam que é um lugar de partilha, de felicidade, de crescimento mútuo; vivem a experiência de relacionamentos fraternos e ali conseguem expressar o que são e o que sentem.

A experiência de sentir-se ele/a mesmo/a é importante para o/a jovem. Permite que adquira maior confiança em si mesmo/a. No grupo, a juventude constrói seu protagonismo, assumindo o planejamento e a organização, as conquistas e os desafios a serem enfrentados. Aqui é muito importante o papel do/a educador/a, do/a assessor/a, do/a acompanhante do grupo. É ele/a que vai transmitir a autoconfiança que o/a jovem precisa para poder caminhar com segurança. Essa autoconfiança transmitida não será um paternalismo, mas um abrir pistas para que o/a jovem adquira confiança em si mesmo, sendo protagonista de sua própria história.

A Pastoral da Juventude tem o grupo como uma de suas importantes opções pedagógicas, pois acredita e afirma que este é um espaço onde o/a jovem cria laços profundos de fraternidade, em que é reconhecido/a como pessoa e valorizado/a como tal. O grupo é uma *comunhão dinâmica de pessoas* que se comunicam entre si através de relações de conhecimento, amizade e integração. Relações essas que fazem emergir uma solidariedade que leva os/as jovens a partilharem profundamente a vida ajudando-os/as a enfrentar os desafios dessa etapa, tão decisiva para o amadurecimento na fé e integração social. Tudo isso, certamente contribui para a felicidade do/a jovem. Por isso, podemos afirmar, como Hilário Dick, que o grupo é lugar da felicidade do/a jovem.

BIBLIOGRAFIA

A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1989.

ABRAMO, Helena W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Pedro Paulo M. (orgs) *Retratos da Juventude Brasileira*. Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

ALBISETTI, Valerio. *Ciúme: conhecer, enfrentar, superar*. São Paulo: Paulinas, 1994.

ALPIZAR, Lydia; BERNAL, Marina. *A Construção Social da Juventude*. In: Mulheres Jovens e Direitos Humanos. Manual de Capacitação em Direitos Humanos das Mulheres Jovens e a Aplicação da CEDAW. Ed. Brasileira. 2004.

ANDALÓ, Carmem. *Mediação Grupal: uma leitura histórico-cultural*. São Paulo: Agora, 2006.

ARRUDA, Marcos. *Humanizar o infra-humano*. A formação do ser humano integral: Homo evolutivo, práxis e economia solidária. Ed. Vozes, Petrópolis – RJ. 2003.

AZEVEDO, Maria do P. S. M. T. de; MOREIRA, J. Alencar; CONFORTO, Maria T. A. *Protagonismo Juvenil*. [Texto]. Disponível em: <http://www.tvbrasil.com.br/salto/boletins2001/se2/se20.htm>. Acesso em: 19 fev. 2007.

BOCK, Ana M. Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes T. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. 5. ed., reformulada, São Paulo: Saraiva, 1993.

BOFF, Leonardo. *Crise: oportunidade de crescimento*. Campinas: Verus, 2002.

BRANDEN, Nathaniel. *Auto-Estima e seus seis pilares*. São Paulo: Saraiva, 1995.

CALVIN, William H. *Como o cérebro pensa: a evolução da inteligência, ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Ciência Atual Rocco, 1998.

CARTAS DE SANTO INÁCIO DE LOYOLA, Vol. I. *“As primeiras cartas de uma vida nova”*. São Paulo: Loyola, 1988.

CASTELLS, Manuel. *O poder da Identidade*. 5 ed. São Paulo. Paz e Terra, 1996.

CASTRO, Valdir J. *Espiritualidade cristã: mística da realização humana*. 2. ed., São Paulo: 1998.

CATALAN, Jean-François. *O homem e sua religião: enfoque psicológico*. São Paulo: Paulinas, 1999.

CELAM – CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Civilização do Amor: Tarefa e Esperança. Orientações para a Pastoral da Juventude Latino-Americana*. Tradução Hilário Dick; São Paulo: Paulinas, 1997.

CENCINI, A. e MANENTI, A. *Psicologia e formação: estruturas e dinamismos*. 2. ed., São Paulo: Paulinas, 1988.

COLLINS, Gary R. *Aconselhamento cristão*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

_____, *Ajudando uns aos outros pelo aconselhamento*. 2. ed., São Paulo: SER Vida Nova, 1990.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. 44ª Assembléia Geral. *Evangelização da juventude*. Desafios e perspectivas pastorais. São Paulo: Paulus, 2006.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. *A psicologia da felicidade*. São Paulo: Saraiva, 1992.

DAVIS, Ron Lee. *Perdão incondicional*. São Paulo: Vida, 1991.

DAVY, M.-M. *O deserto interior*. São Paulo: Paulinas, 1985.

DAYRELL, Juarez. Juventude, grupos de estilo e identidade. In: *Educação em Revista*. Belo Horizonte, n. 30, dez. 1999.

_____. O jovem como sujeito social. In; *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, n. 24, 2003.

DICK, Hilário. *Gritos Silenciados, mas evidentes: Jovens construindo juventude na história*. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. *O Divino no Jovem*. Elementos teologais para a evangelização da cultura juvenil. Porto alegre: Instituto da Pastoral da Juventude/Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude 2006.

_____. *Cartas a Neotéfilo*. Conversas sobre assessoria para os grupos de jovens. São Paulo: Loyola, 2005.

ERIKSON, Erick. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro Zahar, 1972.

_____. *Identidade: Juventude e crise* (2ª ed.). (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. 1976

ERIKSON, E. H. e Erikson, J. *O ciclo da vida completo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998

FINKLER, Pedro. *Comunicar e dialogar*. Petrópolis: Vozes, 1996.

FISCHEDICK, H. *Começar de novo: a culpa como oportunidade para uma nova vida*. Petrópolis: Vozes, 1991.

FLORES, Stefano de e GOFFI, Túlio. *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 1993.

FRANKL, V. E. *Dar sentido à vida*. Petrópolis: Vozes – Sinodal: São Leopoldo, 1992.

_____, *A presença ignorada de Deus*. São Leopoldo: Sinodal: Petrópolis: Vozes, 1993.

FREEMAN, Herbert S. Streat e FREEMAN, Lucy . *Meu irmão, meu amigo*. São Paulo: Saraiva, 1991.

FREIRE, Madalena. O que é um grupo. In: GROSSI, Esther Pilar e BORDIN, Jussara. *Paixão de Aprender*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GALLANTIN, Judith E. A teoria da personalidade de Erickson. In: _____. *Adolescência e Individualidade*. Uma abordagem conceitual da psicologia da adolescência. São Paulo, Ed. Harper & Row, 1978.

GOLDSMITH, Joel S.. *A Arte da Cura Espiritual*. Petrópolis: Vozes, 1995.

GOTHCHALK, C.H.M. (Org.) e VVAA. *Aconselhamento Pastoral e Orientação Espiritual: Estágio específico de pastoral*. FATEO-PUCRS: Porto Alegre, outubro de 2001.

HALL, Stuart. *A identidade cultural da Pós-Modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva: Guacira Lopes Louro. 6 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

IANNI, Otavio. *O jovem radical*. In: BRITTO, S. (ORG) *Sociologia da Juventude: da Europa de Marx à América Latina de hoje*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

KORNFIELD, David. *Aprofundando a cura interior através de grupos de apoio*. Vol. 1. São Paulo: SEPAL, 1998.

_____, *Introdução à cura interior*. 2. ed., São Paulo: SEPAL, 1998.

LACHAPELLE, Paulo. *Psiquiatria pastoral*. Petrópolis: Vozes, 1944.

LIBANIO, João Batista. *A arte de formar-se*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2001.

LUKAS, Elisabeth. *Assistência logoterapêutica*. Petrópolis: Vozes – Sinodal: São Leopoldo, 1992.

MANCINI, Roberto. *Existência e gratuidade: antropologia da partilha*. São Paulo: Paulinas, 2000.

MAY, Gerald G. *Simplesmente são: a espiritualidade da saúde mental*. São Paulo: Paulus, 1998.

MORATIEL, José F. *O Poder do silêncio*. Lisboa: São Paulo, 1995.

MÜLLER, Harry. *Relacionamentos em ação*. Curitiba: Ed. Evangélica Esperança, 2000.

PACE, Enzo. *Religião e Globalização*. In: *Globalização e Religião*. ORO, Pedro. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

RABELLO, E. e Passos, J. *Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento*. Disponível em <<http://www.josesilveira.com>> no dia 30 de setembro de 2007.

RIBAS, João B. C. *Viva a diferença*. São Paulo: Moderna, 1995.

SZENTMÁRTONI, Mihály. *Introdução à teologia pastoral*. São Paulo: Loyola, 1999.

TEIXEIRA, Carmem Lucia. *O grupo de Jovens: espaço de formação da identidade política* (Dissertação do Mestrado em Ciências da religião) - Universidade Católica de Goiás, 2006.

TREVISOL, Jorge. *Amor, mística e angústia: mistérios inevitáveis da vida humana*. São Paulo: Paulinas, 2000.

TRUJILLO FERRARI, Alfonso. *Fundamentos de sociologia*. São Paulo: McGraw-Hill, 1983. 558 p.

ZANELLA, A. V.; PEREIRA, R. S. Constituir-se enquanto grupo: a ação de sujeitos na produção de coletivo. **Estud. Psicol. (Natal)**, Natal, v.6, n.1, 2001. disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413294X2001000100011&lng=pt&nrm=isso. Acesso em: 12 Mar. 2007.

_____. Juventude Brasileira Diagnóstico. *Instituto Cidadania*. Projeto Juventude. Documento de conclusão. Versão Final. 2004.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. *Protagonismo Juvenil: Adolescência, educação e participação democrática*. Salvador: Fundação Odebrech, 2000.

HAMMES, Lucio. *Aprendizados de Convivência e a Formação da Capital Social: um estudo sobre grupos juvenis*. Doutorado (programa de Pós graduação em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2005.

LIBÂNIO, J.B. *Jovens em Tempo de Pós-modernidade. Considerações socioculturais e pastorais*. Edições Loyola. São Paulo. 2004

RIVIÈRE – PICHÓN, Enrique. *O processo grupal*. Tradução Marcos Aurélio Fernandes Velloso. São Paulo: Martins Fontes, 2000.